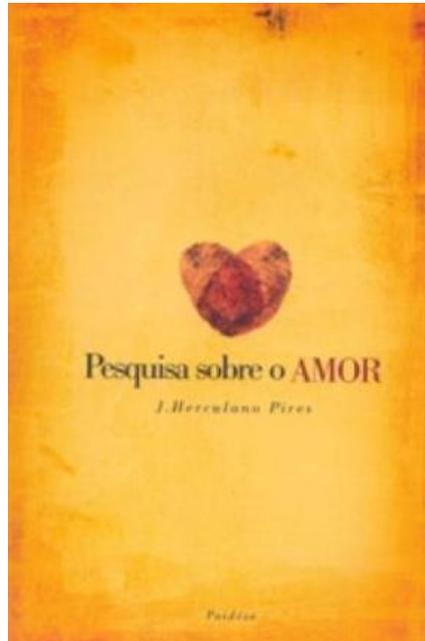


Herculano Pires

Pesquisa sobre o Amor



Conteúdo resumido

“Pesquisa sobre o Amor” é uma síntese da visão humanística e filosófica de Herculano sobre a sociedade, e em especial o relacionamento afetivo entre o homem e a mulher.

No livro, Herculano demonstra que a sexualidade é a concretização do poder criador do homem e da mulher, na conjugação afetiva dos elementos biológicos, sob a regência do

Amor. E acrescenta: “O sexo é o instrumento dessa realização genética que exige do casal humano a doação total dos poderes espirituais e corporais nele concentrados, no ato da criação”.

Com sua visão de filósofo espírita, o autor penetra em terreno de extrema atualidade para decifrar a paixão, a atração sexual, os seus equívocos e construções, a solidão, o romantismo, a juventude e a velhice. Por fim, Herculano demonstra que para conhecermos o amor divino devemos partir do amor humano, pois este último está ao alcance da nossa percepção.

Sumário

I – O Despertar da Existência	3
II – A Busca do Outro	11
III – O Charco do Amor	21
IV – Amor e Convivência	31
V – As Metades Biológicas	39
VI – Amor e Sexualidade	47
VII – Amor e Realidade	55
VIII – O Amor Romântico	63
IX – Amor e Desejo.....	70
X – A Mulher no Amor.....	76
XI – O Amor da Era Cósmica	82

I

O Despertar da Existência

O amor é o clarim que convoca o ser para a existência. É o toque de caixa que o arranca do mistério do *não-ser*. Um casal se encontra e se funde no ato do amor, dois corpos vibram no mesmo diapasão, o poder criador convulsiona as entranhas conjugadas na busca da plenitude impossível, desencadeiam-se as forças genéticas e a fecundação se processa no ritmo das células germinais. O fruto do amor se define na caverna platônica como o número primeiro dos pitagóricos, solitário no inefável. O estremecimento erótico gera a década de um novo cosmos. Deus nasce na gruta escura da contradição dialética de espírito e matéria. Quem perturbar ou interromper esse processo divino de uma nova gênese será um deicida. A cólera dos elementos se desencadeará sobre ele, porque um novo ser se projetou na existência e ninguém em parte alguma e em nenhuma circunstância, tem o direito de profanar a intimidade secreta em que a vida brota do ser, em busca do amor.

A solidão do *não-ser* se rompe quando o Ser Supremo e Absoluto pronuncia o *fiat* do relativo. Nasce então, primeiro a relatividade, em que o Absoluto se parte em pedaços e migalhas, como o pão; depois a temporalidade, em que a experiência desenvolve os trigais do futuro; e, por fim, a existencialidade, em que o ser relativo se projeta na conquista da reascendência, que é o amor em essência, na atualização das potencialidades possíveis. Nessa fusão do ser, do tempo e do amor a se projetar na existência, como um bólido que romperá a barreira da morte para lançar-se no infinito atemporal.

Essa não é uma parábola mística, nem uma cogitação filosófica ou o resultado de uma análise científica, mas a intuição total da realidade ôntica em suas perspectivas ontológicas e existenciais. O *não-ser* não é uma negação, mas uma *cripto-hipótese* do Inefável pitagórico que se realiza na mônada, essa semente do real-irreal, que, no existencial gera as almas-viajoras do Plotino, povoando as hipóstases da estrutura cósmica imóvel

com a inquietação, as angústias e o sentimento da fragilidade existencial. A metamorfose é a lei suprema que rege o império de todo o esquema da infinitude inefável. A única chave de que o ser dispõe (como homem, anjo e deus) para mergulhar no mistério genésico é o Amor, que ele perde na existência, arrebatado no delírio das paixões, e só pode recuperar na transcendência. O ser que se imanencia no real-irreal cai no onjeto, que só a angústia, o desespero e a dor podem quebrar para libertá-lo de si mesmo.

Aceitar a imanência e apegar-se a ela é uma tendência natural do ser na existência. Ele cai na rotina e se faz estagnação. Marginaliza-se como água parada ao lado do fluxo existencial. Acomoda-se ao ritmo das coisas, dos objetos e das convenções, que são objetos sócio-culturais. Embora a cultura seja necessariamente um fluxo, sua relação genética com a sociedade tende sempre a diminuir a sua flexibilidade. Essa diminuição pode resultar em estagnação total, como se vê na história das grandes culturas orientais e particularmente no exemplo da China Antiga. Todo ser – tudo o que é – tende a conservar-se como é. Esse instinto de conservação tanto existe nos objetos concretos como nos abstratos. A dualidade universal nos mostra que o *existente* (o homem) apega-se mais ao sensível do que ao inteligível. É mais dominado pela afetividade às sensações do que pelo raciocínio. As sensações o retêm imantado ao plano genético, impedindo a sua entrega ao fluxo da evolução cultural e do desenvolvimento mental. As energias vitais preponderam nele sobre as energias intelectuais. Ele pensa, aspira e sonha, mas, principalmente, se acomoda à rotina, da qual somente se afasta quando forçado. Essa disposição acomodatória cresce e engorda nas relações familiares, sociais e nos compromissos profissionais. Daí a necessidade de períodos duros, de situações problemáticas, de sofrimento e dor para arrancá-lo da rotina. O ser projetado na existência encontra a festa do mundo e a ela se entrega, mas a própria existência dispõe de recursos para fazê-lo sentir que é um ser dotado de consciência, deveres e responsabilidade. O apego ilusório às coisas e à rotina fazem parte de um processo disciplinar. A festa do mundo exige

pagamento de entrada e permanência, exerce vigilância sobre ele e seu comportamento.

Logo na infância a sua afetividade se desenvolve em direções várias e ele sente a ameaça da solidão e a necessidade de buscar alguém. O instinto de imitação desperta-lhe o desejo de encontrar o parceiro ou a parceira da vida, como vê no modelo geral dos casais. Sua inocência aparente o impele a sonhos de convivência misteriosa com alguém que o espera numa esquina do mundo. Por baixo da inexperiência infantil fermentam os resíduos de um passado desconhecido, agitam-se os vetores de energias maduras e tensas, de mecanismos psicobiológicos prontos a aflorar no processo de maturação. Na fase infantil dos tateios, da curiosidade, das perguntas e dos espantos, a inteireza do ser aguarda o momento de impor a sua realidade à realidade do mundo.

Repete-se em cada nascimento, em cada penetração de um ser na existência, o episódio do Cavalo de Tróia. Ante a muralha do existencial os seres inexistentes vigiam como os guerreiros gregos, protegidos por seus deuses. Um *não-ser* ingênuo e puro, impotente e abandonado, é deixado ante a porta-fortaleza. Os troianos, os que vivem e existem na realidade plena, por trás da muralha, encantam-se com a doçura e a fragilidade daquela criança exposta aos perigos, abrem a porta e a recolhem, embalando-a em seus braços poderosos, sem dar ouvidos às profecias de Cassandra. Mas no interior da criança estão ocultos os conquistadores experientes. A existência, essa Tróia cercada de muralhas no planalto da vida, vai ser conquistada ferozmente pelos instintos de conquista e domínio que explodirão no anoitecer. Cada *não-ser* busca a sua Helena raptada, a sua contrafação que o completará no plano existencial. Não há guerra gratuita, batalha sem objetivo. Cada ser lançado na existência é, ao mesmo tempo, um vetor energético e uma busca emocional de realização humana. Muito antes de o primeiro eclodir da virilidade na puberdade a marca do amor definia o *não-ser* como o conquistador da existência.

Para os que estão por trás da muralha, na realidade troiana, a imobilidade e a beleza escultural do Cavalo de Tróia

representam apenas a ingenuidade infantil dos sonhadores gregos. Mas cada um deles, ao romper a muralha existencial, está armado com os poderes de Eros. Basta se acomodarem na existência para se firmarem nela, para logo se atirarem na batalha do amor, não para destruir, mas para conquistar. A destruição que causarem decorrerá da resistência que lhes opuserem, mas cada destruição exterior corresponderá a uma conquista interior. A existência é o mundo do *existente* e ao mesmo tempo a rota da sua projeção ao alvo que ele terá fatalmente de atingir: o Amor. Por isso ele se empenhará na luta da conquista existencial em treinamento constante, não para combater os outros seres e conquistar as suas posses, mas para conquistar a si mesmo e descobrir em si, no seu próprio interior, as jazidas auríferas das quais extrairá o tesouro de suas potencialidades convertidas na atualização de si mesmo. Por isso dizem os filósofos existenciais que a existência é subjetividade pura. O mundo existencial não é o mundo material em que o ser realiza a sua façanha grega. Esse mundo é apenas o palco eventual da sua batalha íntima, aquele *point d'optique* romântico da expressão de Victor Hugo, ali, por trás das máscaras e em meio das cortinas em que ele representa o seu papel, centralizando em aparatos convencionais toda a riqueza e diversidade das dores e inquietações dos homens. A conquista da vida não pertence a ele, mas àquele poder que, segundo Hegel, se desdobra na História e para Bergson é o *elâ vital* que se infiltra na matéria e a domina, gerando as espécies vivas e plasmando as suas formas, os seus instrumentos de ação exterior. O homem é o ser de si mesmo, a alma, a personalidade, o eu oculto que só se revela no processo de relação. Mas arrasta consigo o *ser do corpo*, de que trata Kardec, esse estranho Sancho, escudeiro, escudeiro do Quixote nas lutas contra os moinhos de vento. Mas Sancho não é o *não-ser* ou a sombra do ser, como querem alguns pensadores, pois tem o seu próprio ser e exerce a função de vigilante e crítico do cavaleiro audaz. Ambos avançam, como Davi, ao encontro dos gigantes de um só olho, não pelos gigantes mas por Dulcinéia. Abater os gigantes, que são deformações da realidade, é função do Cavaleiro que o pajem não consegue compreender. Rocinante obedece ao Quixote *como o ser do*

corpo obedece ao *ser espiritual*, mas Sancho é o crítico da razão comum, do bom senso burguês que não pode entender as ações heróicas do cavaleiro por sua Dama. A visão esquizofrênica do Quixote abrange a supra-realidade dos símbolos dos mitos, mas a visão normal de Sancho, condicionada pelo nível prático da vida no burgo, não alcança além das aparências materiais. Por isso, o ser verdadeiro, aquele que é em si por si, limita-se a utilizar Sancho como utiliza Rocinante em suas investidas contra as deformações do homem, a começar de si mesmo, para que o mundo de Dulcinéia se torne adequado à sua beleza e à finura do seu espírito. A natureza dramática do homem, que Unamuno acentuou, decorre dessas contradições internas da sua posição existencial. Descartes já havia observado a necessidade de prevenir-nos contra a confusão habitual da alma com o corpo. Dessa confusão resulta o abastardamento do amor, reduzido a simples exigência biológica e em conseqüência e logo mais atirado entre os subprodutos sensoriais. O amor assim amesquinhado e aviltado vinga-se do homem nivelando-o com os animais e rebaixando-o a eles, que têm pelo menos a desculpa da inconsciência.

Richet, o fisiologista, depois de suas numerosas e bem sucedidas pesquisas metapsíquicas, chegou à conclusão de que a finalidade da vida humana se reduz à reprodução e, portanto, à manutenção da espécie. Uma conclusão tipicamente fisiológica, apegada à visão exclusiva das funções animais. Mas, já no fim de sua existência, reformulou o seu injusto veredicto, admitindo, como escreveu a Bozzano na Itália e a Cairbar Schutel no Brasil, que os fenômenos metapsíquicos provam a natureza espiritual do homem e que *mors janua vitae*, ou seja: a morte é a porta da vida. A famosa proposição posterior de Hideggard, de que *o homem se completa na morte*, referendou a afirmação de Richet. O homem é *o existente*, o ser enquanto projetado na existência. Seu trajeto existencial vai da concepção do ventre materno até o momento final da morte. Admitir a inocuidade desse trajeto, como simples círculo vicioso de gerações incessantemente destinadas ao aniquilamento é reduzir o ser à nadificação sartreana, mas o nada, como Kant demonstrou, não passa de um

conceito vazio, uma palavra que podemos considerar como simples emissão de sons sem sentido. Sua única justificativa está na sua natureza relativa *res*, da Coisa em si e do Todo, do conjunto da realidade universal que é plenitude. A natureza estrutural do Universo, hoje definitivamente provada pelas Ciências, dá mais razão a Talles de Mileto, para quem *o mundo é pleno de deuses*, do que a todos os pregoeiros do nada. Todos os sofismas levantados contra a visão teológica da realidade caíram no absurdo ante as conquistas científicas deste meio século. O Universo é uma estrutura de forças que se sustenta e desenvolve no jogo incessante dos seus poderes em equilíbrio perpétuo. As concepções escatológicas esbarram na impossibilidade total, absoluta, de sua comprovação. Os deuses de Talles podem ser substituídos pelas leis naturais, pois a mitologia do seu tempo nada mais era que a visão antropomórfica da realidade. Mesmo assim, os pensadores mais penetrantes e coerentes não podem dispensar a presença de uma inteligência atuante na ordenação e manutenção da realidade. Para os homens da era mitológica, essa inteligência era múltipla e gerou o politeísmo. Para os homens da era da razão a fonte inteligente dessa unidade absoluta, da natureza monística da realidade universal, só pode ser uma, concentrando seus poderes múltiplos na figura de uma consciência cósmica, que é o Tao dos antigos chineses, o Zeus grego cercado de auxiliares antemórficos mas soberano em suas decisões, o Marduc persa que dividia e organizava o caos na estruturação de suas leis ou o Deus Único do Judaísmo e do Cristianismo. O Ateísmo é hoje uma posição falsa do pensamento que só se justifica pela rebelião necessária e justa do passado contra a concepção antropomórfica de Deus pelas religiões da violência. Mas essa justificativa se aplica ao passado e não às condições culturais da atualidade.

Se há complexa organização cósmica, como negar-lhe a condição afetiva que gera o Amor com uma finalidade superior e o condiciona aos instrumentos da reprodução genésica para que os seres não se percam nos delírios da sensualidade, mas valorizem a si mesmos como necessários e significativos na ordem estrutural do Universo?

Se o pensamento filosófico atual, a partir das pesquisas teológicas de Kierkegaard, desenvolvendo-se na cogitação ontológica de Heidegger e tropeçando nas contradições de Sartre, para depois se firmar no transcendentalismo de Jaspers, confirma-se no avanço das Ciências e coloca-se numa posição irremovível ante a realidade do ser, é evidente que o problema do amor se desloca do romantismo para o campo do racionalismo. É através da razão que podemos captar a natureza real do sentimento e descobrir a sua significação profunda, o seu verdadeiro sentido nas relações existenciais.

Simone de Beauvoir confessa que ao ler Sartre teve de arrastar-se por longos subterrâneos escuros e asfixiantes até encontrar a alvorada de uma conclusão libertadora. É difícil pensarmos numa alvorada ante uma conclusão nadinha. Mas o nada sartreano se desfaz ante a sua posição humanista, o seu amor pela Humanidade. O filósofo do Nada nega-se a si mesmo e tripudia sobre a sua doutrina negativa ao encontrar pelo menos uma suposição de vitória do homem sobre a sociedade, da liberdade sobre a tirania. Este é um exemplo da história do pensamento atual que demonstra a importância do amor nos descaminhos da existência. Amor e liberdade constituem a bandeira de Sartre e são a única senha que lhe dá passagem à posteridade. Seu mergulho na essência do ser levou-o à angústia da frustração total e absoluta. Mas o seu amor pelos homens o salva, levando-o à conclusão que ele não buscou, mas que a própria existência lhe ofereceu num gesto generoso – a de que toda frustração do pensamento se converte em compensação quando mantemos acesa no coração a lâmpada do amor.

Fala-se muito no amor em termos convencionais. A expressão italiana *fazer amor* propagou-se no mundo e contaminou as novas gerações. É uma expressão de baixeza repugnante, porque reduz o sentido do amor ao ato sexual e ao comércio aviltante do ser como no mercado das sensações carnis. Em recente pesquisa no Rio a maioria dos jovens universitários declarou não ver nenhuma distinção entre amor e sexo. Chegamos ao máximo no aviltamento da criatura humana e essa situação vexatória só pode ser combatida com recursos culturais que afugentem as trevas da

ignorância dos nossos meios universitários. Trata-se de um problema puramente cultural.

II

A Busca do Outro

A solidão do ser gera a busca do outro. Esta não é uma afirmação gratuita, imaginária, mas resultante de pesquisa. Não se pode pesquisar o Amor nos livros, nos estudos teóricos a respeito, nas múltiplas opiniões dos sábios, nem apenas nas relações humanas ou nas relações do homem com os outros seres ou com as coisas. A pesquisa do Amor exige o método existencial da vivência individual e ôntico. Brota da estrutura psíquica de uma pessoa, define-se na ação relacional de um indivíduo com outro (ser ou coisa) e tem sua causa na profundidade das exigências ônticas, nas fontes do Ser. Se quisermos compreender o Amor Divino temos de partir do Amor Humano. Esta é a nossa única possibilidade de abordagem para a pesquisa do Amor. Fora dele nos embrenhamos na complexidade filética da afetividade e somos arrebatados pelo fluxo dos sentimentos amorosos na correnteza indomável dos anseios, dos desejos, da mística religiosa, da poesia, do sonho, do delírio e do verbalismo emotivo.

Pesquisando o Amor em nós mesmos, na análise introspectiva dos seus impulsos iniciais e do seu desenvolvimento em fases sucessivas - e experimentando-o ao longo da vida, nos seus sucessos e nos seus fracassos, podemos então passar ao exame extropectivo do seu desenvolvimento nos outros, aplicando o método comparativo nas relações sociais. Esta não é uma pesquisa para jovens, pois só é acessível para adultos amadurecidos na vivência existencial do Amor, curtidos na experiência de amar. Mas essa experiência tem de ser rica e profunda, abrangendo todas as manifestações do Amor, sem o que a pesquisa estará previamente condenada ao fracasso nos seus resultados, por mais intelectualmente brilhantes que eles possam parecer. Os jogos de palavras, as expressões fascinantes, os recursos de oratória, as divagações líricas, as formulações eruditas e as proposições científicas não passam de confissões de incapacidade para chegar a uma conclusão verdadeira.

Essa é a maior das tragédias humanas, responsável pelo aviltamento do Homem e dos Deuses e pelo fracasso da Cultura. Ernst Casirer não chegou a completar a sua *Tragédia da Cultura* por esquecer esse fator fundamental.

Não temos a pretensão de solucionar esse problema, mas apenas de colaborar para a sua equação legítima, em termos interexistenciais. Fora desses termos o aspecto divino do Amor é inabordável e ficará restrito às definições vazias do psicologismo sem alma do nosso século, que relegou o Amor ao campo raso dos epifenômenos, na mais descarada confissão de incompetência para investigá-lo. A simples oposição do Amor ao Ódio, como duas potências iguais e necessárias, e a admissão das perversões como expressões naturais do Amor revelam a incapacidade psicológica para a compreensão do problema. O ódio é uma expressão passageira de resíduos da ferocidade ancestral da espécie. Esses resíduos se dissolvem no processo da evolução natural. O esquema evolutivo da consciência, de René Hubert, levando o homem dos níveis da consciência teórica e da consciência prática à síntese da consciência estética, mostra a absorção progressiva desses resíduos das fases infra-humanas, para que o homem se defina no plano superior da espécie. As perversões da afetividade, que em geral resultam em depravações sexuais, têm a mesma origem e o mesmo destino. Diante da ineficácia de suas técnicas superficiais, psicólogos e psiquiatras resolveram “normalizar” essas anormalidades, condenando seus portadores à entrega pura e simples às suas tendências patológicas por toda a existência. Não obstante, quantos casos de cura e recuperação ocorrem nas mãos de religiosos que estimulam os seus impulsos naturais de transcendência. E isso, até mesmo em casos considerados como psicogenéticos irreversíveis. Os mergulhos mais profundos nas raízes da afetividade, que as pesquisas parapsicológicas atualmente permitem, superam a catarse psicanalítica e produzem o reequilíbrio afetivo que parecia impossível.

A paixão, que não é excesso de amor, mas desequilíbrio da afetividade proveniente da retenção de resíduos da animalidade, pela inércia estática, nos porões do Ser, leva aos crimes absurdos

do assassinato “por amor”. Nas personalidades bem estruturadas o ciúme e o amor-próprio nunca levam os indivíduos a essa monstruosidade contraditória. O Amor é força criadora e não destruidora, cria, ampara, perdoa, nunca mata. Por isso a Educação Filética é indicada por Hubert como indispensável num sistema racional de educação, que leva os educandos a superarem esses transtornos do crescimento psico-afetivo. É necessário educar os sentimentos orientar a afetividade, canalizar as energias animais para que se façam homens e não lobisomens, indivíduos que parecem homens, mas trazem nas entranhas os instintos do lobo.

Há um encadeamento universal de todas as coisas e seres, na metamorfose constante de toda a realidade aparente. Nas fases de transição, como vemos no processo mitológico e na própria transição das espécies, na História Natural, a Sereia conserva sua metade de peixe e o Deus Anubis sua cabeça de falcão. Essas imagens míticas correspondem a realidades presentes em todos os reinos na Natureza. Se não tivermos a visão exata do processo ontogenético da espécie, não saberemos dizer o que é normal e anormal no homem. Frequentemente deparamos com a indecisão de especialistas deste ou daquele campo das Ciências que perguntam: “O que é normal?” A própria palavra “normal” deveria dar-lhes a resposta precisa. O critério do normal não é ontogênico, mas estatístico. Em qualquer plano da realidade o normal se define pela maioria. As formas ou características aberrantes estão fora da norma, que não é ditada pelo sistema social, mas pela natureza da espécie. Um bezerro de duas cabeças é tão anormal quanto um homem bi-sexuado ou dotado de impulsos animais. Quem não sabe discernir o normal do anormal está sofrendo de perturbações do discernimento. É claro que o critério estatístico não se baseia apenas no número, mas nas características da espécie. O aumento de casos de anormalidade numa comunidade não pode transformar o anormal em normal, como uma epidemia não transforma a doença em hígidez. O psiquiatra que diz a um adolescente: “Entregue-se aos seus impulsos e viva na sua normalidade” não conhece o sentido da palavra normal. Além disso, é um incompetente na sua

profissão e comete um crime de lesa-humanidade. Pouco importam os seus títulos, o que vale são os seus atos, é o seu comportamento profissional. Faltam-lhe os conhecimentos básicos da ontogenia humana, da própria Psicologia, da concepção existencial do homem como o *pro-jeto* que se lança na existência em busca da transcendência. Falta-lhe ainda o conhecimento da estrutura da Consciência. Quer livrar o paciente dos complexos e traumas de sua posição anormal, dando à sua anormalidade o rótulo falso de “normalidade individual”, o que é simplesmente um absurdo lógico, pois a norma provém do coletivo e não do indivíduo. Falta-lhe, portanto, até mesmo o conhecimento da Lógica. É um analfabeto do espírito, incapaz de perceber que a sua própria posição profissional se apóia nos processos normativos da sociedade em que vive.

Toda essa argumentação nos parece necessária para uma compreensão do Amor como a busca do outro. Platão, no *Banquete*, faz Sócrates definir o Amor como um vazio que procura preencher-se. Diotima lembra o Mito dos Hermafroditas, homens duplos do princípio do mundo, que possuíam quatro braços e quatro pernas e andavam rodando. Zeus os cortou pelo meio, separando-os pelas costas. Desde então, as metades se perderam e se buscam sem cessar. Compreende-se que os homens duplos possuíam os dois sexos. Hoje ainda se fala nas duas metades que se buscam para completar-se. O símbolo é perfeito. Zeus separou as duas metades porque os hermafroditas tinham toda a potencialidade humana e tentavam invadir o Olimpo. Serrando as metades, Zeus tirou-lhes o poder que ameaçava os Deuses. Esse é o poder do Amor, que os homens procuram recuperar no restabelecimento da unidade perdida. A busca do outro é o preenchimento do vazio, que dá ao homem a capacidade da reprodução da espécie, o poder criador que Zeus lhe tirou, porque ele, o homem-duplo, abusava desse poder.

Hoje há quem pretenda que o Mito do Hermafrodita justifique a homossexualidade, que deprime, humilha e esteriliza o homem. A homossexualidade grega não era norma, era apenas tolerada. No próprio *Banquete* Sócrates considera a palavra hermafrodita como a maior ofensa que se pode fazer a um homem. A

tolerância dos meios intelectuais gregos era carregada do mesmo desprezo que perdura em nossos meios intelectuais. Tolera-se o homossexual, mas com reservas que o estigmatizam. Por outro lado, o homossexualismo antigo provinha das práticas supersticiosas da transmissão da virilidade aos efebos pelo ato sexual de sentido mágico e ritual. Essas práticas perduraram em Esparta, mas em Atenas decaíram com o desenvolvimento cultural e o desenvolvimento do conceito da dignidade humana. A palavra transformou-se em ofensa.

No Amor, o homem busca a sua metade feminina e a mulher a sua metade masculina. Se não predominar esse critério dos opostos não se completa a unidade biológica e espiritual que sustenta a espécie humana. Esta desapareceria na corrupção, como todas as coisas cujas funções se aniquilam na deformação e no desperdício. Bastaria esse raciocínio primário para mostrar aos psicólogos e psiquiatras da libertinagem terapêutica o absurdo em que incidem. A normalidade, no caso, está definida pela própria finalidade ontogênica do sexo.

Freud exalta, na Psicanálise, a importância da parilha pai-mãe para o desenvolvimento da criança. O pai e a mãe têm funções específicas e definidas e insubstituíveis na formação do filho, no desenvolvimento do seu ego e superego. Hoje há quem pretenda atribuir isso à formação burguesa de Freud. Mas a rejeição dessa tese mutila a Psicanálise e a transforma em socioanálise, necessariamente aplicada à sociedade burguesa em fase de dissolução. Toda a doutrina Freudiana se esfacelaria se essa idéia prevalecesse.

A solidão do Ser começa antes da sua manifestação, porque é uma condição da sua projeção na existência. Não sendo possível explicar-se a razão da Criação, o motivo que levou Deus a criar o mundo, as Religiões se referem à solidão do Ser Supremo no Infinito vazio; Deus teria criado o mundo para a sua glória, o que é um eufemismo, escondendo a idéia de que o criou para ter o que fazer e ter companhia. Mas ninguém figurou melhor a solidão de Deus do que Pitágoras, imaginando-o como o número 1 solitário no Inefável. O mundo nasceu de um estremecimento inexplicável da Unidade Solitária. Súbito, a Unidade estremeceu,

talvez cansada ou irritada com a solidão absoluta, e nessa inaceitação desencadeou a Década. Ao estremecer, Deus se multiplicou e saiu de si mesmo. Os físicos atuais, ao descobrir as primeiras partículas de antimatéria, imaginaram a criação de um novo espaço no vácuo, determinado pela agitação dessas partículas. O espaço vazio não é espaço, é vácuo. Não tem dimensões nem movimento, é o Inefável. Mas as partículas em movimento criam e estruturam o espaço. Isso pode justificar o dogma judeu-cristão de que Deus tirou o mundo do Nada. O Verbo, a palavra de Deus, ecoando no vazio, agiria como o grito de alguém numa paisagem tranqüila, segundo a imagem de Kafka, para explicar o fenômeno da estruturação na teoria da Gestalt, ou Psicologia da Forma. Esse grito de alguém assemelha-se ao grito da criança ao nascer, que a arranca da solidão do ventre e estrutura o mundo ao seu redor.

Como Deus solitário no Inefável, o ser humano está solitário no útero. Mas antes dessa solidão biológica ele passou pela solidão metafísica. E é Sartre, o anti-metafísico, quem melhor nos oferece a imagem dessa solidão ao considerar inexistente (anterior à existência) como uma coisa ovóide e limbosa, fechada em si mesma. Essa coisa é o *em-si* da dialética de Hegel. É o Ser na sua solidão, que anseia pelo outro e de repente se projeta na existência. Passa então à condição de *para-si*, o existente, cuja consciência vazia reflete o mundo em si mesma, mas não se contenta com ele e busca a transcendência, sendo frustrado nessa busca pela morte, que o aniquila. A síntese hegeliana do *em-si-para-si* não se completa e o homem nada mais é do que uma frustração.

Todos os elementos dessas diversas doutrinas, ao longo dos milênios, e de muitas outras que seria exaustivo mencionar, mostram-nos a constância da intuição humana do Amor como transcendência. Sartre não busca a transcendência metafísica, mas busca a transcendência física, que encontra no “outro” de Simone. A inquietação o leva a buscar “outros”, que na verdade são “outras”, mas ele sempre voltará a Simone, que é o seu “outro”. Daí a sua explosão contra a multiplicidade incômoda dos seres: “Os outros são o Inferno!”

No episódio bíblico da Criação temos a solidão edênica de Adão. Deus se compadece dessa solidão inútil e cria Eva. Mas Eva não é uma nova criação, pois Deus a arranca da própria carne de Adão. Porque Deus não fez Eva do mesmo limo da terra em que plasmara Adão? Porque Eva devia ser a contraparte de Adão ligada a ele pela dupla afinidade espiritual e física. O Amor teria de nascer do Amor. Na Teologia Hebraica a alma de Adão era a semente da espécie humana. Adão continha em sua alma todas as almas futuras. Temos assim o Mito do Ser sem dimensões cósmicas. Deus, o Absoluto, cria o Cosmos e arranca Adão das entranhas da Terra. Iavé é o Pai, Gea é a Mãe, Adão é o Filho. O mundo tridimensional está feito e preenche o vazio. E Deus se contenta, mas se engana. O mundo não está perfeito. Os homens não podem brotar da terra, como as árvores. Deus tem de completar a sua obra gigantesca com uma pequena e frágil criatura que permitirá a reprodução da espécie, Eva. Essa criatura vai igualar-se a Deus, pois é ela quem vai povoar o mundo, com o estoque de almas-sementes acumuladas na alma de Adão. É então que surge a Serpente, a criatura em socorro do Criador, para que a sua obra se complete.

A intuição hebraica superou de muito a intuição grega na elaboração desse Mito da Criação, tão espantosamente rico de símbolos poéticos significativos de realidade que até hoje os homens não conseguiram decifrar. Não tentaremos dar essa decifração, que talvez possa ser a chave do Arcano Supremo. Basta que ele nos sirva para compreendermos um pouco do Mistério do Amor. Deus é Amor, afirmou João Evangelista. Pitágoras chamou a busca filosófica de Amor de Sabedoria, mas Platão inverteu os termos da proposição, afirmando que a Filosofia é a Sabedoria do Amor. Foi essa Sabedoria que levou a Serpente a tentar Eva e desencadear, através dela, a Segunda Década que produziu o Mundo dos Homens? A resposta a esta pergunta pode inverter todos os nossos conceitos sobre a Realidade Cósmica, na qual se insere, como uma realidade dependente e ao mesmo tempo separada, a do cosmos humano. Não nos cabe sequer tentar essa resposta. No pequenino cosmos humano da Terra, uma colônia de bactérias na casca de uma uva,

há um urgente problema a ser solucionado: o da compreensão do Amor pelos micróbios pensantes. Que eles entendam ou não o Amor, pouco ou nada importa para a Ordem Cósmica, mas para todos os homens, e para cada um deles, esse problema é de importância fundamental.

A solidão do Ser não se acaba com a sua projeção na existência. Sua comunicação com o mundo limita-se inicialmente ao choro e à percepção vaga de uma realidade difusa. Quando o crescimento lhe abre as portas dos sentidos orgânicos, ele se defronta com uma realidade que tem de dominar. Sua luta é solitária nas primeiras fases da infância, mas pouco a pouco ele aprende a reelaborar essa realidade através da consciência. Os estímulos exteriores provocam o aflorar na consciência supraliminar da *reminiscência platônica*, do mundo das idéias provenientes do passado. As categorias da razão, que são as lembranças dinâmicas de experiências anteriores, são reformuladas ao contacto das experiências atuais. O Ser começa a revelar-se em sua facticidade psico-afetiva, naquilo que ele é em si mesmo. E surgem então os primeiros conflitos entre o que ele é (a sua facticidade) e o que o mundo é (a facticidade do mundo). Esse conflito geral é atenuado pela *intenção*, o esquema intencional de seus objetivos para a nova existência, que ele traz na sua consciência subliminar (inconsciente), e que se reflete de maneira sugestiva na consciência supraliminar (consciência imediata ou de relação) orientando-lhe as atitudes e o comportamento. Na adolescência a *intenção* se firma ou se deixa vencer pelas lembranças antigas, o que determina a chamada crise da adolescência, que não raro modifica profundamente o jovem, a ponto de surpreender os seus familiares. O passado pesa mais fortemente sobre ele, exigindo opções, enquanto as solicitações da *intenção* aumentam de intensidade. No esquema intencional existe sempre uma figura, às vezes esbatida, às vezes definida, não raro conjugada com a da mãe ou do pai: é o par que o jovem ou a jovem espera encontrar na nova existência. A busca dessa figura se inicia nos primeiros contatos afetivos, determinados pelas circunstâncias. Começa geralmente mais cedo do que pensamos. E na maioria das vezes é uma busca

torturante, que irá sem sucesso até o fim da existência. Porque há também o conflito dos interesses imediatistas do Ser com os desígnios ideais do Ser Supremo, que visam ao futuro. O par pode não estar presente nesta existência ou pode estar ligado, por compromissos anteriores, a outro Ser. Daí o desencontro que marca a maioria das vidas na Terra. Os Seres em desencontro continuam solitários. É necessário que tenham aprimorada sensibilidade afetiva para não transformarem sua união em desastre familiar. A necessidade de comunicação se acentua. A solidão aumenta de lado a lado. Se não houver o socorro dos filhos o rompimento é imediato.

Isso nos mostra o aspecto fundamental do Amor, que o define como a busca do outro. Se não há compromissos cruzados no itinerário existencial do Ser e ele encontra facilmente o outro, a existência do par é tão feliz quanto o pode ser na Terra. É o amor inalterável que une os dois Seres como se fossem um só, vencendo todas as dificuldades e contratempos da existência, ignorando o fastio da rotina. Nenhum outro pode substituir qualquer dos dois, e se um morrer o outro continuará fiel à sua memória até o fim da vida. Vemos então que a essência do Amor é a afinidade, a sintonia perfeita dos Seres que atingiram o mesmo grau de evolução espiritual. Isto parece tanto mais certo quando notamos que se aplica igualmente ao Amor do Próximo e ao Amor a Deus. O Amor ao Próximo é difuso, abstrato, mas se concretiza e para isso se centraliza no conceito do humano. Concebendo a Humanidade como a espécie a que pertencemos, encontramos em cada criatura os motivos da afinidade que nos fazem perdoar os seus defeitos e amá-la como um reflexo de nós mesmos. O Amor a Deus provém da idéia inata de Deus no homem, segundo a tese cartesiana, e de nossa afinidade com esse Arquétipo Divino que também desejamos atingir no processo de transcendência. Quando a nossa *intenção* coincide, na medida relativa possível, com essa idealização profunda da alma, a lei de adoração se manifesta em plenitude e amamos a Deus em Espírito e Verdade. Não amamos um ídolo, uma figura humana de Deus, mas a sua essência manifestada na grandeza e beleza da sua obra, em que nos integramos. A função principal das

Religiões, se elas não se abastardassem nos caminhos do mundo, sob a ação da imaturidade humana, seria realmente a de nos religar a Deus, do qual nos desligamos pelo desenvolvimento da razão, envaidecidos com a nossa capacidade de julgar. Sozinhos e expostos, no mundo, a todos os perigos da existência, nem mesmo essa situação de insegurança permanente nos impede de julgar a Deus e excluí-lo da realidade existencial. O Ateísmo é a rejeição do Arquétipo Divino que nos humilha, por termos de adorá-lo.

III

O Charco do Amor

Puro e impuro são categorias da lei de evolução. Não obstante as reservas atuais quanto à legitimidade do termo *evolução*, que se procura substituir por *mudança* - bem ao gosto da insegurança do século – a verdade é que a lei de evolução se faz sentir em toda a Natureza. Nós mesmos somos uma prova da realidade e constância da evolução. As pesquisas antropológicas não deixam dúvidas a respeito. Mas o homem se apega ao seu mundo, num antropocentrismo vaidoso, e pretende a medida universal das coisas e dos seres. As categorias de puro e impuro referem-se a duas faixas de graus da evolução. O impuro é o não-evoluído, tudo aquilo que está ainda carregado de elementos primitivos. O puro é o evoluído, tudo aquilo que se mostra livre dos elementos genéticos de sua elaboração. O feto ligado à placenta é impuro, a criança livre é pura. Toda a impureza dos elementos heterogêneos necessários à formação e desenvolvimento do embrião constituem a impureza de que nasceu a pureza de uma estrutura perfeita e refinada. Do charco nasce a flor. O Charco do Amor é o seu lastro genético, o lamaçal de instintos, desejos e paixões em que mergulham as raízes do Ser impulsionadas pelo tropismo da transcendência. Os homens não podem aviltar o Amor, mas se aviltam a si mesmos. Descem às condições animais e transformam a palavra Amor em sinônimo de libertinagem e depravação. Mas isso tem uma razão de ser e é necessário que a busquemos para poder combatê-la. O campo mais penoso da pesquisa sobre o Amor é o dessas regiões inferiores da Geografia do Amor, em que o homem se despe da dignidade humana para disputar com os animais, como tocados pela vara mágica de Circe e transformados em porcos, as sensações da mais baixa animalidade.

Todos sabemos, pois é problema científico só contestado pela dogmática religiosa, que os reinos da Natureza se desenvolvem numa seqüência ascendente. As mesmas energias criadoras que estruturam o reino mineral se projetam, através de fases

intermediárias definidas, nos reinos vegetal, animal e hominal. A Criação é um todo orgânico, diversificado na sua estrutura e unificado na sua inteireza. Um reino natural procede do outro e cada um traz em si mesmo as marcas do anterior. A filogênese dos reinos naturais, como a das espécies diferenciadas de cada reino, é hoje cientificamente conhecida. O desenvolvimento da Física Nuclear comprovou a intuição dos atomistas gregos quanto à unicidade fundamental de todas as coisas e todos os seres. Sabemos, sem sombra de dúvidas, que um grão de areia até o esplendor das constelações, são os átomos e as suas partículas que formam todas as estruturas. A mesma lei que rege a formação do corpo humano rege também a formação dos astros. É evidente que o homem, nesse atordoante processo filogenético, não é mais do que um elo, relativamente infinitesimal. Mas essa situação inferior do homem diante da imensidade cósmica, numa avaliação quantitativa, compensa-se no plano qualitativo pela importância de suas potencialidades. Como o átomo insignificante encerra em sua estrutura inframicroscópica um poder colossal, e mais ainda a partícula atômica de antimatéria, que encerra em sua finitude um poder praticamente infinito, assim o Ser humano, por suas potencialidades, constitui-se num elo de transcendência que pesa de maneira incalculável na grandeza do Cosmos. O seu rebaixamento aquém da animalidade retarda a evolução humana na Terra e propicia o desencadeamento das forças negativas residuais em fase de dissolução na essência ôntica da espécie. A própria condição de transição do reino hominal, ainda ligado aos planos inferiores, favorece o revigoramento dos laços que ainda mantêm o reino hominal ligado ao reino animal. O aviltamento do Amor precipita a queda de todos os valores do espírito em ascensão. O ódio explode no desvario das mentes afetadas pelas vibrações magnéticas das sensações grosseiras, a que ainda não podem resistir. A ferocidade humana revela-se mais agressiva e cruel que a das feras, mais refinada e destruidora, porque a serviço da inteligência em desequilíbrio. O engano de Marcuse, em *Eros e Civilização*, foi o de haver tomado as forças genéticas da espécie como as que determinam a evolução humana. Pelo contrário, essas forças pertencem à placenta da espécie e

determinam apenas a sua multiplicação. As forças determinantes da evolução humana pertencem ao espírito, pois o homem é espírito e não carne. O horror das atrocidades nazi-fascistas e soviéticas da II Guerra Mundial foi conseqüência do predomínio das paixões instintivas no homem, assim como as conseqüentes atrocidades norte-americanas com as explosões atômicas no Japão e o desvario dos bombardeios maciços em países impotentes como o Vietnã e o Camboja.

Como acentuou Simone de Beauvoir, tratando das torturas policiais na França, após a derrota nazista, essa praga brutal e desumana renasceu com as atrocidades da Guerra e propagou-se no mundo. O que antes era exceção, tornou-se regra geral. O conceito do humano desvalorizou-se, o homem tornou-se um objeto como qualquer outro, porque o aviltamento do Amor pela civilização do lucro e do gozo levou à falência total do Humanismo da Renascença. O materialismo e o pragmatismo da era da máquina, erigidos em doutrinas filosóficas e sociais, justificaram, com os sofismas de um intelectualismo árido, todos os desmandos e todas as atrocidades. Foram esses os frutos do Charco do Amor, em que o mais elevado sentimento humano confundiu-se com as explosões dos mais baixos resíduos animais da espécie.

Simone, não obstante o seu existencialismo a-espiritual, recusa a designação de espécie para a Humanidade, distinguindo assim o plano da animalidade do plano superior da razão. “A Humanidade não é uma espécie, é um devir” afirma ela. Reconhecer essa distinção já é um passo na compreensão mais profunda do *fenômeno humano*, na expressão de Teilhard de Chardin. Mas a Humanidade só é um fenômeno excepcional na Terra quando vista em suas características espirituais. No tocante à sua constituição física, o homem não é mais do que o aprimoramento dos antropóides. É sobretudo a consciência o que distingue o homem do animal. Mais do que a razão e o pensamento criador, a consciência, esse código estranho das leis humanas, em que o impulso de transcendência predomina, é que define o homem. Nela estão inscritas as diretrizes irreversíveis do homem como ser espiritual, destinado a se projetar nas

hipóstases da teoria de Plotino, libertando-se do condicionamento terreno a que todos os demais seres do planeta encontram-se imantados. O fenômeno humano resume-se no prodígio da consciência, cuja estrutura é a mesma em todas as latitudes do globo e em todos os tempos, não obstante as variações na temporalidade, determinadas pelos avanços e recuos do processo evolutivo. Os romanos da decadência do Império, como os europeus da fase nazi-fascista recente e os violadores atuais da dignidade humana em todo o mundo, nunca puderam modificar a estrutura da consciência, conseguindo apenas violar as suas leis sob o impacto de delírios coletivos de megalomania e histerismo. É significativo que todas essas violações históricas tenham produzido hecatombes humanas, esfacelamento de nações e destruição de civilizações, logo mais recuperadas pelo esforço dos sobreviventes, na volta desesperada ao esquema consciencial. O desespero e a tensão das fases de recuperação atestam historicamente a impossibilidade da permanência dos valores e dos anseios humanos fora do esquema consciencial.

Rompendo com esse esquema, o homem rompe com a sua própria natureza, desumaniza-se, cai na barbárie. Para o homem de todas as latitudes, lutar contra as leis da consciência é lutar contra a Humanidade.

A História nos mostra, por outro lado, que a lei fundamental da consciência é o Amor, em torno da qual gravitam, como as partículas em torno do núcleo do átomo, todas as demais leis da consciência: a da existência de Deus e sua providência, a da Justiça, a da Fraternidade universal dos homens, a da Razão, a da Ordem, a da Busca da Transcendência. Quando os homens violam essas leis, a Sociedade perde a sua dignidade e o Estado se converte no Leviatã de Hobbes. Todas as Sociedades anticonscienciais trazem a marca infamante do fratricídio, da traição ao humano, do roubo, da miséria e da depravação em que a Mulher é sempre a vítima sacrificada para aplacar a fome sensorial de Moloc. O aviltamento da mulher pelas civilizações anticonscienciais é o aviltamento da Humanidade em sua própria fonte genética. A negação do Amor pelo comércio do sexo, reduzindo a simples instrumento de prazer venal a fonte

genética, é a negação da própria dignidade humana. Por isso, o Cristo, ao livrar a mulher adúltera da lapidação infamante, limitou-se a tocar a consciência dos lapidadores hipócritas. E por isso também engajou Madalena, a cortesã, em seu grupo messiânico e a escolheu para vê-lo em primeiro lugar após a ressurreição. Ele mesmo justificou a razão dessas atitudes, que escandalizavam a hipocrisia da época, dizendo simplesmente que ela muito amara. O amor dessa mulher a santificava e ao mesmo tempo condenava os seus acusadores. Bastaria isso para mostrar que o Amor não depende de regras e leis sociais. Basta ao Amor a sua própria força e a sua própria lei. Essa lei não depende dos Doutores do Templo, nem se inscreve nos códigos da frágil justiça humana, pois está inscrita de maneira indelével na consciência dos próprios homens. A tradição hebraica sobre Madalena não a apresenta como uma cortesã comum, ávida de prazeres e riqueza. Sholem Asch, o último grande escritor judeu na língua idische, apresenta-a como uma mulher de bom gosto e rara beleza, dotada de espírito elevado e grande generosidade, especialmente atenciosa para com os pobres e sofredores. A maneira por que o Nazareno sempre a tratou parece confirmar essa imagem lisonjeira. Que enorme distância entre essa atitude de Jesus e os espíritos mesquinhos que tudo condenam em nome da moral convencional!

É claro que, numa Sociedade de castas, classes ou estamentos, os interesses de linhagem, títulos, privilégios e haveres hereditários exigem o amor oficializado, embora sempre com largas concessões ao amor natural, no tocante aos ricos e poderosos. Os códigos familiares são sempre muito exigentes. Mas Jesus não ligava nenhuma importância a isso. Anunciou a superação dos divisionismos religiosos à Mulher Samaritana, que tivera vários maridos e era uma enjeitada da Israel orgulhosa e ofereceu-lhe água-viva da sua doutrina. Ao invés de condenar o vinho nas bodas de Caná, preferiu encher com o melhor vinho os cântaros vazios para manter a alegria dos convivas. No charco do amor ele pescava as pérolas perdidas e ensinava a todos, desde os infelizes da Porta do Monturo até os rabinos vestidos de púrpura, a grandeza sem limites do verdadeiro Amor. E é em

nome dessa singular moral que as Igrejas Cristãs negam às vítimas infelizes das exigências sociais interesseiras, combatendo ferozmente, sem nenhuma consideração para os deveres da piedade, a simples e necessária instituição do divórcio para os casais separados. Não percebem os vigários do Cristo que a falta do divórcio estimula e aumenta o concubinato, concorrendo para a dissolução da família que eles pretendem evitar.

Desde Moisés o divórcio era admitido em Israel, como medida necessária para a defesa da Sociedade. E Jesus sancionou essa medida dentro das condições do tempo. A falta do divórcio, particularmente na legislação dos países pobres, é um dos fatores da proliferação das uniões ilegais e da prostituição. Quantas jovens infelizes, mal sucedidas no casamento, são lançadas na chamada vida mundana pela falta absoluta de amparo legal à situação marginal em que se debatem! O charco do amor cresce na proporção exata dos obstáculos opostos à legitimação do amor natural. Não é necessário muito tino nem perspicácia especial para se compreender isso. O povo sofre as conseqüências dessa cegueira dos mandatários, enquanto as altas classes pagam anulações de casamento no Vaticano e gozam das regalias do dinheiro e do prestígio social, nas transações ilícitas dos corpos e almas disponíveis no mercado humano.

A luta contra o divórcio, único remédio social para o mal da separação de casais desajustados, e o celibato forçado do clérigo católico fazem parte do charco do amor. O mito da castidade, como suposta prova de pureza espiritual de padres e freiras, constitui outro afluente do charco. Forçar homens e mulheres, no vigor da juventude, a essa mutilação contrária às próprias leis de Deus é simplesmente invadir a área de atribuições da Divindade, superpondo os desígnios do homem aos decretos do Ser Supremo. E sempre que se procede assim, a pretensão humana paga bem caro pelo seu atrevimento.

O problema da castidade é exclusivamente pessoal. Consta nos Evangelhos que há eunucos feitos pelos homens, eunucos de nascença e eunucos por amor ao Reino dos Céus. Os artifícios para forjar eunucos e virgens do último tipo chegaram ao

extremo da crueldade. As vestais romanas, anteriores à virgomania cristã, se violavam o seu voto de castidade antes dos 30 anos eram enterradas vivas. Os suplícios da castidade forçada em nome de Deus, que segundo a Bíblia ordenou aos homens: “Crescei e multiplicai-vos”, constituem capítulos de fogo e dor da História da Estupidez Humana que Pitkins tentou escrever, apenas afluando o assunto, e para a qual Richet contribuiu com seu livro *O Homem Estúpido*. E que dizer das conseqüências psicopáticas dessa luta inglória, dolorosa e suja contra o sexo? O misticismo-erótico dos conventos produziu legiões de monstros ao invés de santos e anjos. As macerações e flagelações, os cilícios aleijantes, as torturas da carne pelos fanáticos da pureza impossível levaram à loucura milhares de criaturas que, por uma ejaculação espontânea ou um suspiro de desejo amoroso sentiram-se nas garras do Demônio, condenadas às caldeiras do Inferno. Até mesmo um espírito elevado como Teresa de Ávila perdeu o seu tempo em visões terroríficas dos suplícios infernais a que seria levada por não conseguir sufocar os anseios sexuais. O misticismo-erótico foi a peste espiritual da Idade Média e continua ainda hoje a fazer as suas vítimas. Mística e erotismo formam um terrível complexo de terror, prazer, angústia e culpa, com todas as variações emotivas e desequilíbrios sensoriais da personalidade psico-neurótica. Torna-se uma espécie de tóxico-alucinógeno de um extremo poder de viciação. A Psiconeurologia ainda tem muito a investigar nessa área sombria e dolorosa do sofrimento humano, nesse poço de piranhas famintas do Charco do Amor.

O capítulo dos incubos da idade Média, demônios que assaltavam mulheres e homens em seus leitos, para as tentarem sujeitando suas vítimas ao prazer masoquista do pecado imposto pela força, escapa hoje, graças às pesquisas espíritas e parapsicológicas, ao campo da interpretação patológica, para inserir-se no quadro dos fenômenos paranormais. Tivemos a oportunidade de verificar algumas dessas ocorrências assustadoras, uma delas com a esposa de médico eminente, que relutou em aceitar a realidade do fenômeno. Não se tratava evidentemente de manifestações diabólicas, mas de entidades

inferiores, ainda apegadas às suas viciações terrenas. Nem de fatos sobrenaturais, pois as leis desses fenômenos já estão hoje suficientemente conhecidas. Como entendem Doal e Carington, são manifestações de mentes desencarnadas. Mas como demonstrou Kardec, hoje confirmado pelas pesquisas do casal Rhine, não se trata apenas de ação mental e sim de manifestação integral de criaturas humanas cujo perispírito ou corpo espiritual ainda permanece carregado de elementos materiais. O plasma físico do chamado corpo espiritual da tradição cristã (ou corpo bioplástico das pesquisas soviéticas recentes) permite ao espírito a sua manifestação física.

Esses fatos nos revelam o aspecto paranormal do Charco do Amor, evidenciando a repercussão dos desvarios humanos além dos limites do nosso mundo sensível. Nossa responsabilidade no campo das sensações é muito maior do que podemos imaginar. Nossos pensamentos, desejos e viciações contagiam não apenas os companheiros da existência terrena, mas também os nossos vizinhos do mundo espiritual interligado à Terra. Muitas criaturas perturbadas por desequilíbrios sexuais não passam de espíritos fracos que se deixam influenciar por entidades grosseiras, as quais lhes transmitem sensações físicas, constatado nas pesquisas psíquicas do século passado e deste século. Não se trata de uma questão de crença ou descrença, mas de fatos comprovados em pesquisas científicas, por cientistas eminentes e de todos os grandes centros universitários do mundo. As Religiões que continuam encravadas no passado, alimentando o Diabo na ignorância popular, em nome de seus dogmas obsoletos, assumem grande responsabilidade por sua teimosia nesta hora de profunda renovação cultural. O Amor não é mais o tema lírico dos poetas do absinto, nem o caminho do Céu coberto de flagelados e ciliciados; é a realidade gritante da carne e do espírito, sobre a qual podemos construir o Inferno das sensações destruidoras ou o mundo feliz do equilíbrio e da paz.

O Charco do Amor transbordou, com o aumento numérico e potencial de seus afluentes de após guerra. A sensualidade sem freios dominou o mundo. Romperam-se as comportas da moral burguesa e a pornografia saiu do fundo lodoso dos açudes para

emporcalhar o mundo através dos meios de comunicação de massa. Ao mesmo tempo, os divulgadores da violência, os pregadores do ódio, da discriminação racial, da toxicomania, da libidinagem, do roubo, do suborno e da mentira conseguiram emporcalhar moralmente o mundo, já fisicamente poluído e envenenado pela ambição do dinheiro e do poder. Os homens se esqueceram da morte e não obstante morrem mais do que nunca, aos magotes, esmagados por suas próprias máquinas e maquinações tenebrosas. Como a população aumenta violentamente, os que sobrevivem acham bem que os outros morram para aliviar a carga humana da Terra. Essa é a nova forma de amar ao semelhante: desejar que morram de qualquer maneira para que tenhamos mais espaço num mundo apertado. O Amor virou desejo e loucura, retornando ao marco-zero do egocentrismo calculado em bases estatísticas. Os futurólogos, profetas profissionais armados de computadores eletrônicos, prevêem prosperidade para os ricos e miséria maior para os pobres, que são o lixo incômodo do mundo. Os anticoncepcionais e a cirurgia esterilizadora garantem o gozo eterno e sem compromissos. E enquanto isso as mentes desvairam no aumento ameaçador dos distúrbios psiconeuróticos. Enquanto ferve o caldeirão da loucura, as grandes potências, ciosas de seus segredos e seu poderio, preparam em silêncio a liquidação atômica do planeta.

Adianta pregar o Amor a esse mundo enlouquecido? Se não adianta pregar, pois as pregações estão demasiadamente desmoralizadas, adiantará pelo menos exemplificá-lo. Se pudermos agir com amor na maioria das nossas atividades, pensar com amor e falar com amor, estaremos contribuindo para deter a enchente do charco. Um gesto, um pensamento, uma palavra são partículas atômicas da ação. Mas se essas partículas estiverem carregadas com o pósitron de antimatéria, terão uma força explosiva capaz de abalar o mundo. Estabeleçamos a nossa afinidade com a vida, o mundo, os homens. Basta-nos encará-los com boa vontade. O resto corre por conta da nossa própria natureza. Porque somos amor e se quisermos dar um pouco de nós mesmos aos outros seremos uma pequena fonte de amor.

Pequena, mas perene. Pensemos na alegria do viajante exausto que de repente encontra, no deserto escaldante, um pequenino oásis em que borbulha uma fonte de água pura e fresca.

IV

Amor e Convivência

Nas relações humanas o despertar do Amor é sempre misterioso. Nas sociedades patriarcais, em que as jovens casavam segundo a vontade dos pais, sem mesmo conhecer o noivo, desenvolveu-se a idéia de que o amor é fruto da convivência. Em algumas regiões do Oriente, onde ainda hoje a jovem é vendida ao interessado, persiste essa idéia. Mas quando analisamos a questão e pesquisamos as situações reais, somos forçados a concluir que amor é uma coisa e convivência é outra. Da convivência pode nascer uma forma de amor comodista, em que um se apega ao outro para salvarem-se ambos da solidão. Mas o Amor, com inicial maiúscula, esse Amor que é a chama e poesia, encanto e sonho, plenitude, o preenchimento do vazio de que falou Sócrates, esse Amor não nasce da convivência. Basta lembrar que a convivência no amor traz o fastio, estabelecendo uma espécie de tolerância recíproca que não raro se desgasta na rotina. O verdadeiro Amor não se desgasta nunca, é a chama de Vesta que jamais se apaga, sob a vigilância constante das vestais silenciosas. São poucos os casais que desfrutam dessa felicidade, mas existem. São os raros casos da bem sucedida busca do outro. Esse Amor não precisa de estímulos artificiais, de freios que impeçam a separação da parilha. As vestais silenciosas que velam pela chama são os fios invisíveis de uma afinidade que vem dos tempos. Balzac teceu um poema encantador desse Amor em sua novela *Spirita*, onde essa personagem estranha era uma fusão dos amantes numa só encarnação. Uma ficção sugerida pela antiga lenda das almas-gêmeas, ainda hoje admitida em certos círculos espiritualistas. Deus não cria almas aos pares. Elas brotam do chão, como as flores, na misteriosa dialética da Natureza, e a afinidade que as une vem de longo desenvolvimento nas vidas sucessivas, não raro com penosos intervalos de desencontro, nos quais a solidão de ambas é marcada pela aspiração do possível reencontro. A fusão de duas almas numa só é um mito que simboliza a afinidade perfeita,

pois cada alma é um Ser que se destina à universalidade do Amor e não ao exclusivismo a dois.

O amor à primeira vista é como o súbito encontro de cargas elétricas negativas e positivas que produzem o raio. Esse Amor explode como a centelha etérica e tanto pode iluminar a escuridão de uma vida como destruir as existências atingidas. São numerosos esses casos. Um jovem está noivo e ansioso por casar-se com a sua eleita. Súbito, encontra-se com outra jovem e o Amor de ambos explode com violência. Suas vidas iluminam-se a esse clarão, mas ao seu redor o espanto e o sofrimento esmagam outras vidas. Não há culpados nesse caso; o que se deu foi um fenômeno natural, produzido pela acumulação de energias psico-afetivas ao longo do tempo. A convivência vem depois, na rotina disciplinadora que transformará o ímpeto inicial na harmoniosa serenidade da afeição duradoura, permanente e invariável. Poderão surgir dificuldades entre eles, e certamente surgirão, mas todas serão vencidas pela força tranqüila do Amor. Se isso não se der, o amor à primeira vista foi o chamado a um ensaio para futuro reencontro nas vidas sucessivas. De qualquer maneira, a prova experimental valeu e fará que ambos se aprimorem para o ajuste necessário no futuro. Um sofrerá pelo outro e o sofrimento quebrará as arestas ainda existentes, preparando o amanhã.

Os casamentos por interesse são maioria. Os fatores econômicos, financeiros, políticos e sociais não são os únicos que os determinam. Há também interesses de acomodação: a necessidade de organizar a vida, o desejo de casar da jovem que se julga envelhecer, o sonho de constituir um lar e ter filhos, a impossibilidade de encontrar o outro ideal, as conveniências provenientes de relações familiares tradicionais e assim por diante. Há também interesses sectários, ideológicos, profissionais e outros vários. Os interesses mais perigosos provêm do fetichismo. São as mais variadas e sutis as manifestações fetichistas. Há os que se extasiam diante de cabelos abundantes e belos, os que sentem atração pelo olhar (não propriamente os olhos, mas a expressão do olhar), os que são fascinados pelos braços, por outros detalhes do corpo, pela

maneira de falar, pela voz, pelos gestos, pelas mãos e assim por diante. Há também o fetichismo intelectual: pela inteligência, pela capacidade literária ou artística. Há o fetichismo do sorriso, como o de Mona Lisa, o da expressão corporal que exerce uma atração sutil e profunda de magia difusa, por isso mesmo atordoante, pois o fetiche não se define, não se concretiza. O perigo desse interesse está na natureza emocional do fetiche, que geralmente se confunde com o Amor, chegando a produzir paixões violentas. Acontece que o objeto do fetiche é sempre instável, efêmero. Com os anos, o fetiche se modifica, a pessoa supostamente amada deixa de ser o que era e o enfeitiçado ou a enfeitiçada cai na desilusão. O personagem clássico Don Juan é um fetichista sincrético, atraído por diversos fetiches, o que o faz incontentável e volúvel. É o colibri do Amor, que voa sem cessar de uma flor para outra. É inútil condená-lo, acusá-lo, repreendê-lo. O fetichismo é uma tendência da personalidade, pertencente à estrutura afetiva da pessoa. Daí a injustiça dos crimes passionais por motivo de volubilidade. O fetichismo tem seus graus, pode ser tímido e esquivo, moderado e controlável, exaltado e irrefreável. O que se tem a fazer é evitar o fetichista ou desfazer-se dele ou dela quando a tendência se agrava. Trata-se de um desequilíbrio da afetividade, com centralização ou descentralização da percepção estética. No caso donjuanesco, temos uma pulverização da estesia, com diversificadas concentrações em objetos vários, às vezes mais tensa neste ou naquele objeto. O fetichista não percebe isso, não sabe por que motivo, de um momento para outro, o seu interesse desviou-se fortemente desta para aquela pessoa. A concentração estética nos fetiches é muitas vezes tão absorvente que o fetichista nunca chega à relação sexual. Contenta-se em pegar, acariciar os cabelos, roubar das mulheres porções de cabelo que passa a guardar como coisa sagrada, objeto de verdadeira adoração. Kardec relata um caso de fetichismo pelas mãos, ocorrido na França, em que um velho operário, que morreu com bolsa amarrada no peito, por baixo da camisa, trazia ali, por muitos anos, o esqueleto da mão de sua mulher, há muito falecida. As palavras *fetiche* e *fetichismo*, francesas, foram derivadas do português: feitiço, nome dado pelos portugueses aos ídolos

mágicos dos negros do Senegal. Não podemos usar a nossa palavra *feitiço*, nestes casos, porque *fetiche* adquiriu um sentido mais amplo e tornou-se um termo técnico universal. Mas podemos usar enfeitiçado, feitiçaria, etc., que correspondem perfeitamente à amplitude do sentido de *fetiche*.

O feitiço de amor é bem conhecido. Constitui-se de práticas que correspondem aos filtros de amor da Antiguidade. Nas práticas do Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro – Macumba, Umbanda, Quimbanda, Candomblé, etc. – o feitiço é usado para, supostamente, prender uma pessoa à outra, forçar ou impedir casamentos, desmanchar namoros e noivados e separar casais. Claro que essas práticas não passam de resíduos da magia selvagem que deu origem às Religiões Primitivas. Práticas indígenas, como a Poracê, também subsistem no folclore brasileiro. Essas práticas derivam do animismo do homem primitivo, que dava vida e poder às coisas, como as crianças, nas manifestações do animismo infantil, dão vida aos bonecos e brinquedos com figuras de animais. A clientela dos feiticeiros se constitui em geral de pessoas marcadas por tendências fetichistas. Essas tendências revelam infantilismo psico-afetivo conjugado com os distúrbios da afetividade já referidos. As práticas anímicas do feitiço envolvem os despachos, evocações rituais de espíritos das selvas que, a troco de oferendas várias depositadas em esquinas e encruzilhadas, se comprometem a executar os trabalhos encomendados. Não se deve dar importância a essas ameaças, que entidades benéficas podem impedir e desfazer com facilidade. Se ajudarmos o feiticeiro com a nossa credence e mostrarmos temor do pretense poder dos seus despachados, abriremos a eles as portas da nossa fortaleza interior e poderemos sofrer algumas perturbações passageiras.

Não incluímos estes casos no capítulo sobre o Charco do Amor porque não se trata de aviltamento da afetividade com intenções inferiores, mas de sobrevivências naturais do primitivismo, dos tempos em que o homem ainda não dispunha de recursos para romper o estado de indiferenciação psíquica e domínio das forças biológicas em que se encontrava, fascinado por uma realidade confusa e absorvente, em que a mente se

desenvolvia no plano de uma simbólica genética. Os impulsos vitais o levavam a decifrar à força, jungido às exigências da sobrevivência, os enigmas das relações entre ele e o mundo, bem como das coisas e dos seres entre si. Compreende-se também que essa situação se prolongue em plena civilização, pois esta ainda não prescinde das energias vitais que constituem o combustível da ascensão humana à racionalidade consciente.

A própria incapacidade do homem atual para se libertar da herança mágica e ritual das civilizações primitivas, do convencionalismo social, das medidas disciplinadoras que o acorrentam a processos arcaicos de massificação, a uma visão estreita e brutal da moralidade, não nos permite encarar com otimismo o aparente esplendor do nosso estágio evolutivo. Predominam na espécie humana, nesta antevéspera da Era Cósmica, mesmo nas faixas culturais pretensamente mais elevadas, os preconceitos e as idiosincrasias grupais das eras primitivas. Toda a complexidade das estruturas sociais do presente se conforma nos esquemas arcaicos de civilizações superadas. As lutas pela liberdade chegam a parecer utópicas diante da pressão esmagadora das instituições vigentes, que fecham brutalmente as perspectivas de um futuro próximo. O aumento assustador dos conflitos na atualidade mundial, a irracionalidade das medidas tomadas para impedir as modificações necessárias das estruturas sociais e a irracionalidade das reações das forças renovadoras provam que a inteligência humana continua amarrada aos troncos da escravatura, aos pelourinhos do passado recente (que serviam de medida para a elevação de uma povoação à categoria de vila), à piedade das fogueiras inquisitoriais, às sagrações de cavaleiros para a condição servil de obediência cega e permanente aos Senhores Feudais. Todas essas formas de aviltamento do homem, para o seu engajamento a formas institucionais humanas ou divinas continuam soberanas em nosso tempo, nos processos de massificação espartana que asfixiam as aspirações de liberdade e dignidade do individualismo ateniense. A sedimentação social desses processos arcaicos mantém-se graças aos princípios pragmáticos de uma visão utilitária da organização

social discriminativa, em que o homem não é considerado como a criatura de Deus, consciente de sua dignidade espiritual, mas como simples elemento da estrutura econômico-financeira. O Amor ao Próximo é praticado através dos cálculos de lucros empresariais, com a justificativa filosófica de que o aumento desses lucros trará o bem-estar geral.

Diante desse panorama compreende-se a impossibilidade de uma concepção do Amor aproximadamente válida. Num mundo que todos rastejam, escreveu Ingenieros, ninguém pode andar em pé. O mercado do sexo faz parte integrante do mercado geral das trocas. A teoria do amor-convivência enquadra-se admiravelmente na sistemática dos interesses imediatistas. A própria rebelião da juventude acaba se asfixiando, por si mesma, na promiscuidade sexual e no gosto pela pornografia, uma das poucas atitudes rebeldes que não provoca repressões violentas e desumanas, permitindo à juventude uma válvula para o impulso vital de reelaboração da experiência, da teoria de John Dewey. Estamos, assim, no melhor dos mundos, como diria o Dr. Pangloss, e muitos dos seus discípulos proclamam isso de maneira festiva. Os meios anticoncepcionais, adotados oficialmente em numerosas nações, e usados livremente em todas, liberta os jovens do peso das responsabilidades familiares. Chega-se ao extremo de condenar as classes pobres como criminosas por continuarem prolíferas. O casal miserável não tem o direito de aumentar a miséria do mundo. São casais irresponsáveis, inconscientes de suas próprias limitações. Quem ganha apenas o suficiente para sustentar-se deve ser privado do direito de ter filhos. Quanto mais se cortarem os excessivos direitos da gentalha, mais se refreará o aumento populacional, pois as classes abonadas, e mesmo a classe média, já compreenderam que só servem para atrapalhar e criar problemas.

Além do mais, como já demonstrou Pitigrilli, os filhos deformam o ventre, atentando contra a estética da raça. Como os estetas chegaram à conclusão de que o sentimento estético é inteiramente desinteressado, só tem por finalidade o prazer do belo, é um crime permitir-se que a sensibilidade humana seja afetada por um mundo de mulheres barrigudas. Ao Amor

Materno oferece-se a opção generosa do Amor à beleza e à elegância. Não estamos fazendo jogo de palavras ou apelando para a ironia. A realidade do mundo é essa. Basta examinar atentamente o panorama mundial para se comprovar o que estamos afirmando. Mas, apesar disso, o aumento demográfico não foi e nem será freado. Porque o Amor não é conveniência nem lei de equilíbrio, atração dos Seres e expansão da convivência: é a força estruturadora do mundo, a vida. A solidão do Ser, que gera a busca do outro, clama no desencontro das afinidades e supera, nos seus impulsos irrefreáveis, as barreiras anticoncepcionais, tanto físicas como mentais. Os pregoeiros da esterilização estatal, ou pelo menos coletiva, temem a sua própria esterilidade e acabam fazendo o contrário do que pregam. Se as classes ricas se esterilizarem, as classes pobres dominarão o futuro. A miséria tomará conta do mundo e não haverá classes privilegiadas para formularem teorias refinadas sobre a necessária preservação da estética e da elegância.

O problema da estética é de importância essencial na evolução, como já vimos. Mas a estética não é preferencial, é situacional. Para cada situação humana ou temporal existe uma forma estética adequada. A estética arquitetural de Brasília, por exemplo, é inadequada à posição geográfica e às condições climáticas da cidade. O emprego exagerado do vidro na arquitetura das zonas tropicais é um contra-senso. Nas situações etárias do homem os princípios estéticos variam necessariamente. Nas situações bio-morfológicas da mulher ocorre o mesmo. No complexo das exigências vitais da espécie há predominâncias naturais de certas situações. Na gravidez predominam os fatores da procriação. A elegância feminina tem de ceder lugar, na medida do necessário, à beleza austera da maternidade. O belo, mais pelas formas exteriores do corpo e da postura, refugia-se no mistério das entranhas, onde floresce o futuro. O sorriso de Mona Lisa não toca a sensibilidade estética dos jovens, mas emociona os adultos. As Madonas de Rafael não têm o encanto erótico da Fornarina, mas a beleza outonal da maternidade na doação espiritual do Ser à pobreza material do mundo.

A compreensão da natureza situacional da estética explica as adaptações do processo da convivência amorosa. No relacionamento permanente do casal ligado por interesses vários a rotina age como um corrosivo, mas pode ser compensada pelo socorro das situações favoráveis à percepção estética de situações emocionais que revelam a beleza oculta necessária ao florescimento do Amor. Essas situações salvadoras multiplicam-se nas exigências afetivas de uma convivência prolongada, em que os frutos da ternura, da bondade, da abnegação despertam afinidades insuspeitadas. Os casais sem filhos não estão privados dessas oportunidades, quando o estágio evolutivo de um deles ou de ambos os leva a considerar os valores afetivos como ligados à estesia num sentido endógeno, o que lhes permite a percepção estética além da superficialidade formal.

A condição humana tem o seu centro de gravidade no *eu*. Quando o *eu* não permanece fechado em si mesmo, no egocentrismo infantil, as suas potencialidades se desenvolvem na direção do outro, abrindo as perspectivas ao altruísmo. A ausência do outro jamais encontrado ou apenas entrevisto e logo perdido será compensada, embora não totalmente, pela presença de um outro que abrandará as ansiedades da busca. As criaturas irremediavelmente solitárias, que jamais conseguiram substituir o outro, são misantropos marcados por uma introversão de busca. Podemos lembrar a teoria psicanalítica da introjeção. Parecem haver introjetado a imagem sonhada do outro, que só procuram em si mesmos. Condenaram-se ao isolamento do *em-si* e não conseguem revogar essa condenação. Mas podem encontrar saída nas derivações da atividade prática, especialmente se dotados de vocação estética.

V

As Metades Biológicas

O problema das diferenciações sexuais foi resolvido pelo homem, na selva, em detrimento da mulher. Uma solução pela força. Daí as designações de sexo fraco e sexo forte, primeiro e segundo sexo. O fato de o mito bíblico colocar Adão em primazia no ato da Criação, fazendo a mulher sair de uma costela do homem, sancionou na Religião Hebraica a primazia e a supremacia do homem. O Apóstolo Paulo, homem esclarecido e de inteligência penetrante, não conseguiu escapar desse condicionamento e deu à mulher uma condição de absoluta subserviência em relação ao seu senhor. Fora do Cristianismo a situação não foi diferente. Ainda no século passado uma das mais fortes personalidades espirituais da Índia, Ramachrishna, foi considerado com desdém por haver sido orientado por uma mulher. E se o mesmo não aconteceu a Krishnamurti, educado por Annie Besant, isso se deve ao fato de sua revolta contra a mestra, proclamando de maneira espetacular a sua independência. Já não admira o caso de Mary Baker Eddy, nos Estados Unidos, fundadora da Ciência Cristã, que logo se impôs como condutora de homens e mulheres. No clima bíblico da grande nação do Norte a tradição das mulheres dalílicas, capazes de cortar a cabeleira mágica de Sansão, derrotou facilmente a ilusão do sexo fraco. Segundo a teoria de Margaret Meed, podemos dizer que os bebês valentões e beberrões do estranho mundo norte-americano, místicos e pistoleiros ao mesmo tempo, sentiram-se amparados pela Mulher Divina que negava a doença e a morte em nome de um Cristo *made in USA*, suficientemente esquizofrênico para garantir a imortalidade à espécie.

O mito do Matriarcado poderia tomar consistência com as teorias de Eddy nos Estados Unidos, onde as mulheres conseguiram, graças à psicologia do êxodo (imigração forçada por motivos religiosos) que igualou homens e mulheres no trabalho intensivo de adaptação à nova terra. Nessa psicologia, o sentimento de orfandade parece haver provocado no homem

norte-americano o complexo de Édipo, que se traduz na condescendência para com a mulher e na violência brutal contra o homem. Resultaria daí o aspecto matriarcal da nova civilização. Na realidade histórica, o Matriarcado não passa de um resíduo das sociedades primitivas, em que os homens descarregavam nos ombros frágeis da mulher a responsabilidade pela família, enquanto enfrentavam as guerras ou entregavam-se à caça e à pesca. Uma espécie de engodo, no qual a mulher se considerava dominadora dos indomáveis espertalhões que lutavam ou se divertiam a distância. Na própria tese de Margaret Meed, o modelo selvagem de matriarcado que ela apresenta não foge à forma de transferência de encargos penosos.

Quando nos distanciamos desse problema, o suficiente para escapar ao seu campo magnético, o que nos espanta é a maneira ambivalente com que o homem, em todos os tempos, tratou e trata a mulher. Tem-se a impressão de duas espécies diferentes de seres humanos que procuram assimilar-se e entender-se inutilmente através dos séculos. Ao mesmo tempo em que exalta a mulher, que a reverencia, a ama e deseja, também a humilha, despreza, maltrata e mata. A superioridade masculina decorre da maior força física do homem e do seu maior desembaraço no tocante aos problemas genéticos. Fora dessas condições naturais, todas as demais vantagens decorrem das situações criadas na vida social. Para honrar e defender a mulher, o homem a submeteu a todas as pressões e proibições de participação nas atividades comuns da existência. Não obstante, teve de reconhecê-la como mãe, esposa, filha, companheira necessária e fonte dos seus estímulos e inspirações. Assim, a ambivalência se explica pelas próprias exigências de uma forma de relação profunda e vital, em que o amor e o ciúme se alternam com o ódio e o desprezo. A mulher é senhora no Amor e escrava no Ódio. É tirana no ciúme e vítima no desprezo. É a guardiã da honra e a causa da desonra. Ao homem tudo é lícito, embora nem tudo lhe convenha, como advertiu o Apóstolo Paulo, mas à mulher só é lícito o que convém ao homem. Estranha forma de amor que se desenrolou nos séculos e milênios de tragédias passionais, aviltando a espécie.

As raízes dessa situação estão na dialética de vivência e existência que se resolve na síntese do *humano*. E esta síntese, que avança para a síntese maior do Espírito, realiza-se no plano biológico, nas duas metades que constituem o Ser Humano completo. As metades humanas – homem e mulher – são individuais e independentes em sua essência existencial, o que vale dizer enquanto espíritos. Mas no plano biológico e portanto vital, são interdependentes. A unidade da espécie é biopsíquica; nela se juntam o Ser Corporal e o Ser Espiritual. O corpo não é apenas um agregado material dirigido pelo espírito. Ele se constitui da massa genésica do planeta, dos elementos que vêm das entranhas da Terra, elaborados através dos reinos sucessivos e hipostásicos da Natureza, até atingir o aprimoramento da carne humana, capaz de germinar, florir, frutificar e morrer, como os vegetais e os animais, e principalmente, capaz de refinar-se em camadas sutis como a do córtex cerebral e as fibras sensíveis dos nervos, para ajustar-se aos impulsos dos mecanismos sutis do espírito. Nessa duplicidade e reciprocidade de interações complexíssimas geralmente confundimos, como advertiu Descartes, o corpo com a alma. E por isso acreditamos que a morte do corpo é o fim, o aniquilamento total do Ser. E por isso confundimos o Amor com o desejo, o êxtase espiritual do Amor com as sensações eróticas do gozo. Nessa confusão o homem e a mulher se consideram mutuamente como objetos de desejo. O Amor se reduz à atração dos sexos, a uma necessidade comum da vida, sem maiores conseqüências no destino individual e coletivo. Ante essa concepção prevalece o conceito de objeto, que dá ao homem, como mais forte, o direito de subjugar a mulher e transformá-la em sua posse, propriedade privada e sem vontade própria. De sua parte, a mulher reage da mesma maneira, envolvendo o *seu homem*, propriedade particular e exclusiva, nas suas exigências e nos seus caprichos. Forma-se assim o conflito vital em que as metades biológicas da espécie não geram apenas vida e amor, mas sobretudo guerras e destruições. A família se constitui sobre esses fundamentos, estruturando-se em princípios orientados pelo instinto de conservação, que oprime a cada um de seus membros e a todos, gerando as situações abusivas que conduziram Grécia e Roma à

autodestruição. A invasão dos Bárbaros foi o socorro providencial das forças vitais, intactas e explosivas nas raças primitivas, para evitar a destruição total da espécie humana e de suas conquistas materiais e espirituais.

Não é de espantar que as reivindicações do Feminismo sejam praticamente masculinizantes. A mulher e o homem são metades de uma unidade a que chamamos Ser Humano. Se o homem é de constituição física mais forte, a mulher é mais forte no tocante à constituição orgânica. Cabe-lhe a maior parte no processo genético, seu organismo suporta muito maior dispêndio de energias na função reprodutora. Por isso está mais apto que o organismo do homem a recuperar-se, reconstituir-se, suportar revezes e dores orgânicas. O poder de equilíbrio da Natureza revela-se de maneira significativa nessa distribuição de funções, aptidões e disposição das metades biológicas. E ambas exercem sua influência sobre o desenvolvimento e a formação humana dos filhos, garantindo o equilíbrio da espécie nas gerações sucessivas. Se o homem e a mulher compreendessem bem os seus papéis respectivos no organismo familiar, a evolução humana se aceleraria de maneira segura. Os efeitos da convivência no despertar e na sustentação do Amor tornam-se mais importante no lar prolífero do que nos lares sem filhos. A pressão familiar sobre os indivíduos no lar se abrandaria na medida em que o amor e a compreensão fossem substituindo o autoritarismo controlador. Isso é demonstrado por experiências de comportamento nas pesquisas psicológicas e pelas investigações sobre a natureza da educação. De Rousseau aos nossos dias a evolução pedagógica, embora ainda arcando ao peso das heranças milenares de um autoritarismo asfixiante, vem revelando a importância das novas técnicas educativas baseadas no respeito às condições de liberdade, auto-iniciativa e criatividade dos educandos. Mas é necessário não esquecermos que a educação começa sempre no lar e seu desenvolvimento escolar depende das aquisições realizadas no plano familiar. A educação é um ato de amor, como sustentam hoje os grandes pedagogos. Os pais e os mestres não são domesticadores de animais selvagens, mas condutores do desenvolvimento de

consciências que vão operar no futuro. O profissionalismo educacional da nossa civilização transformou a maioria dos mestres em funcionários frios que não se preocupam com o educando, mas com os esquemas técnicos e os problemas disciplinares e administrativos. As novas gerações se rebelam contra o pragmatismo aviltante e a consequência dessa rebeldia gera crises escolares e crises futuras no plano social. Onde falta a luz da consciência esclarecida e o poder do amor no coração abnegado a educação fenece e se abastarda.

O móvel natural das atitudes e das ações humanas é o amor. Mas quando esse móvel é substituído pelos interesses imediatistas o comportamento humano se deteriora, regido pelos vetores do egoísmo. Se o mundo atual se mostra desumano e egoísta é porque faltou, na educação das gerações angustiadas a que pertencemos, a seiva do amor. A brutalidade do nosso século é consequência das opressões exercidas em nome de interesses particulares ou de castas e grupos privilegiados nos séculos anteriores. As pressões hoje exercidas sobre os estudantes adolescentes, de maneira brutal e até mesmo assassina, em todo o mundo, para impedi-los de lutar pelos ideais que consideram justos e dignos, só podem levar-nos a situações ainda mais desastrosas em futuro próximo. Os adolescentes obedecem ao impulso natural de reelaboração da experiência das gerações passadas. Seus sonhos se desenvolvem nos rumos da utopia, que, segundo demonstrou Mannheim, são os prenúncios de realidades futuras. Impedi-los de participar das experiências necessárias, com a liberdade indispensável, para poderem testar as suas aspirações no confronto das lutas presentes, é simplesmente estrangular o futuro nas garras do temor, da covardia, da mentira e da hipocrisia em que se tornarão experientes. Tentando salvar o presente conflitivo e sombrio, com medidas repressoras e constrangedoras, produzimos por antecipação o naufrágio do futuro.

O casal humano é cioso de sua liberdade. Porque a liberdade é o clima da dignidade e da responsabilidade. Mas se naturalmente se apavora ante as medidas brutais da sociedade contra seus filhos, acaba endossando essas medidas e

submetendo os filhos às pressões que os educarão ao reverso da verdade e da espontaneidade, deseducando-os na prática da simulação e, portanto, da mentira e da hipocrisia. O sentimento de solidariedade humana, que brota da fonte natural do Amor, é esmagado pelo clima de tensão do nosso tempo. Se um ideal generoso se apóia em princípios negativos, que geram ou podem gerar situações desastrosas, reprimi-los com medidas desumanas é provar aos que o esposam a validade desse ideal. Quem reage de maneira insensata revela fraqueza e temor. Os jovens de hoje não são menos generosos do que os do passado. O dever dos homens amadurecidos é o de proteger as gerações imaturas, levando-as com amor, pelo chamado da consciência, à maturação do que necessitam. Estamos ainda muito carregados de heranças animais e provocar essas heranças nas novas gerações é desencadear processos de desequilíbrio na vida social. Ingenieros demonstrou que a simulação na luta pela vida pode transformar gerações inteiras em multidões de farsantes. Se desejamos um mundo melhor temos de examinar as reivindicações dos jovens e corrigi-las nos seus desvios por modos persuasivos e esclarecedores. Educar é orientar com amor e paciência, ensinar com exemplos de tolerância e compreensão. A natureza humana é avessa aos constrangimentos brutais e a eles reage de várias maneiras. A mais perigosa é justamente a que provoca o despertar do instinto de simulação.

O homem é geralmente tão orgulhoso que não gosta de se considerar como metade de uma unidade biológica (segundo o conceito exposto), tendo de dividir sua importância com a mulher. Um médico extremamente vaidoso discutia esse problema com dois amigos, quando um deles lhe perguntou: “Você é capaz de reproduzir-se a si mesmo, sem auxílio da mulher?” Ele respondeu que a Ciência está a caminho da reprodução da espécie em laboratório. Disse isso com ênfase e despediu-se a seguir, com modos bruscos. Os amigos comentaram: “É tão vaidoso que, se pudesse, se engravidaria para mostrar que não precisa de mulher.” Não se trata de uma anedota, mas de um fato real que presenciamos. Nem todos os homens pensam assim, mas quase todos, com raras exceções

(que confirmam a regra), consideram a mulher como inferior ao homem. A milenar tradição da superioridade masculina não será desfeita com facilidade. Mas o homem pagará caro pela sua vaidade e arrogância. Enquanto não se estabelecer um tipo mais humano e racional de relações entre as metades biológicas, o mundo não se ajustará aos princípios evangélicos e os conflitos de toda ordem continuarão envenenando a Terra, não por castigo divino, mas por força da lei natural de harmonia, que nasce do Amor. Se homem e mulher não se amarem com pureza e verdade, superando os condicionamentos do passado, as gerações futuras não serão melhores. A efusão de amor legítimo e profundo nos lares é condição essencial para o avanço da Civilização em termos de humanização. Pouco importa se o lar é de pobres ou de ricos, o que importa é o Amor. A juventude atual rompe com os tabus da hipocrisia milenar e busca novas formas para uniões sinceras, fundadas exclusivamente no amor recíproco. Esse é um dos sinais dos tempos que assustam os conservadores mas prenunciam novas aberturas para as formas do relacionamento amoroso. Um casal que realmente se ama – não apenas um lar com alguns filhos – pode criar um mundo novo. Muitos erros já cometeu e cometerá a juventude atual nessa busca, mas podemos estar certos de que a culpa não é só dos jovens, é principalmente dos velhos que nos deixaram a herança da hipocrisia formalista de um longo e doloroso passado de desajustes e crimes em nome do amor. As metades biológicas – assim definidas por sua função criadora – não são apenas biológicas, mas também e sobretudo espirituais. Ensinou Jesus que o espírito sopra onde quer e ninguém sabe de onde ele vem nem para onde vai. Duas metades que se encontram e sentem a atração mútua, sensorial e afetiva, descobrem sua afinidade e isso as empolga. Se a afinidade for apenas superficial e, portanto, sensorial, logo se desfará. Mas se tiver raízes profundas na afetividade continuará a crescer com o tempo. Sartre e Simone de Beauvoir fizeram essa experiência na mocidade. Ligaram-se condicionalmente, admitindo até mesmo a liberdade completa para ambos. O barco da união não navegou apenas em águas mansas. Vários incidentes amorosos ocasionaram transtornos em tempos aflitivos. Mas todos os acidentes passaram e eles

chegaram à velhice unidos como no princípio. A afinidade era real e cresceu com o tempo.

Hoje, Sartre está velho e cego¹ e Simone pôs os seus olhos a serviço do companheiro, para que ele não deixe de atualizar-se quanto às novidades culturais do século. Ambos são ateus e materialistas, mas obedecem muito mais aos preceitos cristãos do que a maioria dos casais religiosos que não escolheram o Amor para fundamento único de sua união. Quando Sartre e Simone visitaram o Brasil e ele proferiu uma conferência filosófica na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, o vigário local fez distribuir folhetos na cidade acusando-os de vida imoral. O piedoso vigário perdeu excelente oportunidade de explicar ao rebanho que o amor independe dos formalismos sociais, pois tem suas raízes nas leis de Deus inscritas na consciência e no coração dos homens. Adão e Eva, segundo a alegoria bíblica, viviam no Jardim do Éden e nunca submeteram a sua união espontânea a formalidades sociais, mas formaram a primeira sociedade hebraica para povoar o mundo a mando de Deus. Expulsos do Éden, não foram procurar assistência formal no País de Nod, onde seu filho Caim se casou e constituiu família. Continuaram a viver como corpos e almas afins, ganhando o seu sustento com o suor do rosto. A condenação que Deus lhes impôs foi enfrentar as experiências do mundo para continuarem a desenvolver as suas potencialidades humanas. Nem mesmo o Deus Javé dos judeus, irascível e guerreiro, quis puni-los com o rigor daqueles tempos, porque eles se amavam.

VI

Amor e Sexualidade

Tanto no fetichismo, quanto nos desvios sexuais de homens e mulheres, torna-se evidente a variedade de objetos nas manifestações do Amor. Essa é uma das provas da universalidade do Amor que podemos considerar como uma forma de energia cósmica ainda não pesquisada e conhecida pelas Ciências. A tese de João Evangelista: “Deus é Amor”, faz-nos lembrar esta expressão do Apóstolo Paulo: “Em Deus vivemos e nele nos movemos.” Preocupados com o amor humano, psicólogos e filósofos até hoje se interessaram quase exclusivamente com essa forma lírica e dramática do amor entre duas criaturas. Mas tanto na Filosofia Grega, quanto nas chamadas Filosofias Orientais, houve sempre grande preocupação do Amor como um elemento da Natureza que impregna todas as coisas e todos os seres. No Ocidente, o domínio das Teologias, que se apossaram da inspiração grega para tratar do Amor em sentido divino, parece haver impedido os grandes pensadores de se aprofundarem no assunto. As Teologias, seguindo o exemplo de Tertuliano, se apossaram do Amor por direito de usucapião. Era sempre arriscado mexer nessa questão. O Renascimento, por sua própria tendência, considerou o Amor em termos de poesia e fábula, encantando-se com os amores mitológicos dos deuses gregos e romanos. Os amores dos deuses eram semelhantes aos dos homens e mulheres e vice-versa. Dessa maneira, o amor humano prevaleceu como única forma acessível à compreensão humana e possível de investigação científica ou filosófica.

A Psicanálise, nos primeiros desenvolvimentos da teoria freudiana, colocou o problema do Amor no plano patológico. E nesse plano ele permanece até hoje para a maioria das pessoas, não obstante o progresso do próprio Freud no tocante à sublimação e ao superego, bem como os avanços teóricos de alguns de seus discípulos, particularmente Jung. Não se pode acusar ninguém por isso. Freud teve de entrar no estudo e na

pesquisa do Amor pelo subsolo da patologia. Por outro lado, o aspecto patológico é o mais dramático do Amor e o que mais toca o interesse humano. O Amor foi assim dividido em duas áreas: a da patologia e a do lirismo, geralmente confundindo-se essas áreas em vastas extensões. Os homens, recém libertos da concepção geocêntrica do planeta, caíram felizes no filocentrismo do Amor. Todas essas questões, e outras que delas se derivam, são temas para desenvolvimento futuro. Neste livro apenas as indicamos para demonstrar, mesmo através de ligeiros reflexos, quanto se tem a pesquisar sobre o Amor.

A sexualidade é uma forma de manifestação do Amor. Dessa maneira, o sexo quase conseguiu, nos domínios populares, apossar-se da palavra Amor e reduzir a manifestação desse poder exclusivamente às suas funções. Mais do que um abastardamento, isso foi uma profanação. Hoje se diz, num eufemismo derivado da língua italiana, “fazer amor”, para se referir ao ato sexual. Na verdade, o Amor pode e deve estar presente no ato sexual, e também pode não estar, o que é mais comum. O Amor se manifesta na lei de gravidade que mantém a dinâmica celeste e em todas as formas de forças centrípetas, provocando união e fusão. Mas no homem as manifestações do Amor abrangem toda a sua estrutura vital, existencial e psico-afetiva. No tocante ao plano vital o Amor é sensação. Não obstante, o apego à sensação, reduzindo o poder do Amor a expressões periféricas, o deturpa e extingue. Em seu lugar surge a Paixão, que não é exaltação do Amor, como geralmente se diz, mas exaltação da sensualidade. Os crimes de amor nada têm a ver com o Amor, são conseqüências de desregramentos sensoriais, com perda do equilíbrio emocional e perturbações mentais. Matar por amor é um contra-senso. Uma criatura que ama não agride e nem fere o Ser amado, que é para ela objeto de veneração. O ciúme não procede do Amor, mas do apego animal ao plano sensorial. O animal é que ataca e fere por ciúme, nunca o homem, pois nele o Amor se manifesta em ternura, adoração e consciência do valor do Ser amado.

Para bem compreendermos isso precisamos voltar ao problema kardeciano do *ser do corpo*, no qual toda a pesada

herança da animalidade ancestral se acha acumulada. As criaturas de sensibilidade humana não se deixam arrastar pelas paixões, que pertencem ao plano dos instintos. A libido freudiana é o reservatório profundo e escuro dos resíduos da animalidade. As sensações carnis se alimentam dessas energias vitais que se confundem com as aspirações transcendentais do Amor na mente conturbada que as toxinas da paixão desligam do controle superior da Razão. O Ser do Corpo sobrepuja o Ser Espiritual no controle da mente, desencadeando as forças do instinto. Os crimes resultantes dessa situação não decorrem do Amor, mas precisamente do eclipse do Amor, produzido pelo retrocesso do homem às condições da sua ancestralidade animal. O crime passional pode ser definido como um caso de possessão infra-anímica, em que o criminoso é possuído por sua personalidade arcaica, em razão da falência de sua personalidade atual no delírio das sensações inferiores. Um caso de personalidade alternante a que o criminoso já se entregava há mais tempo do que se pode supor, sintonizado com os resíduos negativos de experiências vitais superadas.

É claro que a superação das experiências referentes a um dado tempo evolutivo não representa a sua destruição. Toda experiência representa uma aquisição do espírito, que passará a integrar as suas funções cognitivas em forma de categorias da intuição. Enquanto não desaparecerem os resíduos do inconsciente, a experiência superada pode ser reativada pela imprudência e o abuso. O princípio de que a Natureza não dá saltos, apesar da contestação marxista, permanece válida. A passagem do Ser, de um grau de evolução para outro, nunca é instantânea. Os pregoeiros da salvação imediata não conseguem exemplificar esse milagre em si mesmos. Os resíduos marcam o compasso de espera, necessário à assimilação total da experiência. Nessa espera, é possível que o Ser repita a experiência para poder absorvê-la com a devida segurança. Então se dará o aparente *salto qualitativo*, que na verdade representa uma transição lenta. O exemplo do relógio esclarece melhor este problema: quando as pancadas de uma determinada hora soam no relógio, surpreendendo-nos, isso acontece porque os ponteiros

já fizeram o percurso de 60 minutos para bater a hora surpreendente. A complexidade da constituição humana, implicando as instâncias psicológicas da personalidade, as relações corpo-alma e a dinâmica dos processos conscienciais, não permite o desabrochar de flores sem raízes que levem a seiva através do caule. Todo esse processo minucioso depende do tempo. Por isso Heidegger advertiu que o espírito “cai do tempo”, e que este o acolhe para que ambos sejam afins no seu desenvolvimento. Cair no tempo é sair da espera e entrar na temporalidade para realizar-se a si mesmo.

A sexualidade é a condição que deve concretizar no tempo histórico o poder criador do homem e da mulher, na conjugação efetiva dos elementos biológicos, sob a regência do Amor. O sexo é o instrumento dessa realização genética que exige do casal humano a doação total dos poderes espirituais e corporais nele concentrados, no ato da criação. Como nos parece mesquinha a concepção vulgar do sexo como mecanismo animal de natureza inferior! A mecânica sexual do gozo pelo gozo é um aviltamento da função genésica, cuja finalidade última é a encarnação do Ser, primeiro passo da ontogênese terrena. Nos casais evoluídos o ato sexual não se reduz ao prazer sensorial. Este é apenas a chispa do fogo vital que desencadeia todo o processo da criação humana. A mulher acolhe o homem em seu corpo e em sua alma sem a inútil agitação animalesca, e o homem a envolve no seu poder fecundante com a naturalidade e o êxtase do Sol a envolver a Terra para fecundá-la. Só a mesquinhez do vulgo, do populacho incapaz de compreender a grandeza de um ato criador poderia ter feito disso motivo de escândalo, malícia e pecado. A expressão “o pecado do amor” é tão absurda quanto o ilogismo: “matar por amor”. Enquanto não formos capazes de discernir juízos opostos e continuarmos a confundi-los, não estaremos em condições de reformular nossa concepção do mundo.

Em *A Fonte*, Charles Moorgan faz Rupert, na hora da morte, perguntar a Jullie, que o traíra com Lewis: “Não o amaste apenas com o corpo?” Ela responde que não e acrescenta que nem ela nem Lewis o haviam feito por mal, mas por amor. Rupert voltara

da guerra, mutilado. Seus olhos se voltaram para a mulher e para Lewis e declarou que não tinha ciúmes nem rancor, pois o amor de ambos não podia ser crime nem traição. Como poderia um homem possessivo, que considera a mulher como sua escrava, compreender e perdoar a traição em sua hora extrema? Mas Rupert era a antítese desse homem comum e boçal. Jullie e Lewis eram ingleses e se amavam com profunda reciprocidade. Rupert, alemão, interferira sem querer, sem o saber, no destino de ambos. Mas ao reconhecer a legitimidade daquele amor retirou-se em silêncio. Que direito teria ele para exprobrar ou amaldiçoar aquela mulher? Não importavam as circunstâncias da guerra, da mutilação, da morte. O que interessava a Rupert era o respeito pelo Amor de ambos, por essa reciprocidade que ele não conseguira despertar em Jullie. Maior que a sua paixão pela jovem, que as circunstâncias haviam lançado em seus braços, maior que o conceito humano de honra e que todo o escândalo que o fato pudesse provocar no meio social, Rupert via, diante dele, após a fogueira do ódio e da bestialidade da guerra, a verdade de um Amor puro e profundo que a tudo desafiara para sustentar os seus direitos, a sua estranha dignidade que para o mundo era perfídia e desonra.

Os conceitos humanos variam segundo o nível das consciências. Quanto mais elas se elevam, aproximando-se dos arquétipos da espécie, mais se distanciam das normas sociais que decorrem de costumes e tradições. Essas variações levaram os sociólogos a negar a existência dos princípios morais superiores, pois se Moral vem de *mores*, costumes e estes variam, parecia-lhes evidente que a *Moral* não provinha da Consciência, mas dos hábitos e costumes de cada meio social. Esqueciam-se de que os costumes resultam não só de exigências mesológicas, mas também de exigências conscienciais. Hoje, graças a Bergson e outros filósofos da Moral, todos reconhecemos a ligação genética entre Consciência e Moral. Essa relação explica as variações da Moral, sua evolução histórica através de fases bem definidas e as razões profundas de sua influência no campo dos problemas sexuais.

No caso do triângulo amoroso Jullie, Lewis e Rupert a questão moral se coloca nos termos da legitimidade do Amor. Este é o critério supremo que não reconhece as normas da moral comum, tipicamente social. O caso é específico. Jullie havia sido aluna de Lewis na Inglaterra. Mudara-se muito jovem para a Holanda, em virtude do casamento de sua mãe viúva com um nobre holandês. Casara-se com Rupert, filósofo alemão, por conveniências de ordem familiar e social. Na guerra, Rupert ausentou-se do Castelo de Enkental e Jullie ficou sozinha. Lewis é preso na frente de batalha e posteriormente enviado a Enkental, com dois companheiros, para ali permanecer como prisioneiro de honra. Seu reencontro com Jullie reacendeu em ambos o Amor aparentemente esquecido. Rupert, gravemente ferido e mutilado, enviava notícias de longe e os prognósticos a seu respeito eram os mais graves. Jullie e Lewis não resistem à solidão no velho Castelo e entregam-se aos anseios recíprocos. Rupert volta a Enkental para morrer e Jullie não tem coragem de lhe revelar o que acontecera. Mas sua consciência a leva a contar-lhe a verdade, que ele já percebera, compreendendo que realmente interferira no destino de ambos com seu amor por Jullie.

Todo esse conjunto de justificativas naturais, entretanto, não impediriam a tragédia passional, se o caso não passasse entre três pessoas de condições morais e intelectuais elevadas. Prevaleceriam os preconceitos sociais, com todas as suas conseqüências, lançando a desonra sobre os três e suas famílias. Mas é necessário reconhecermos que em condições inferiores o móvel do caso poderia ser também inferior. A pergunta de Rupert a Jullie não caberia numa situação de atração amorosa puramente física e a resposta dada não teria nenhuma garantia de veracidade. Isso demonstra que as variações sociais da Moral tem seus fundamentos em condições evolutivas nas quais o instinto de conservação social estabelece, através dos costumes, os seus próprios dispositivos de segurança. E por isso, por sua vez, justifica a situação atual da Terra como um momento de transição, em que todos os problemas humanos estão submetidos a um processo de aceleração na evolução do homem. A

consciência humana se abre para as novas dimensões do real. O pivô da consciência se desloca para nova posição, modificando as perspectivas da sua visão do mundo. É natural que ao lado das mutações necessárias surjam excessos de toda ordem. Há consciências que resistem às mudanças, apegadas por milênios a condicionamentos que parecem irremovíveis. As reações são tanto mais violentas quanto maior o apego dos que reagem aos seus condicionamentos. No tocante à sexualidade, as energias desencadeadas transbordam de todos os canais a que até agora se mostravam dóceis e obedientes. O Amor, até agora aviltado pelas pressões do fanatismo e da hipocrisia, avilta-se num clima de libertação que cai na libertinagem e na pornografia. Nunca tivemos, na Terra, uma situação geral tão profunda e vastamente conflitiva. Somos, por isso mesmo, solicitados a um esforço quase sobre-humano para tentar colocar todos os problemas em equação de maneira corajosa e, às vezes, até mesmo temerária. Do nosso comportamento em face dessa problemática assustadora dependem as soluções que determinarão o novo plano consciencial que atingiremos.

Na remota Suméria, sexualidade era encarada como a efusão divina que empolgava homens e mulheres na povoação do mundo. O culto fálico, a nudez, a natureza sagrada do ato sexual, a reverência para a mulher prolífera eram elementos fundamentais da consciência. Restos de monumentos e templos revelam a adoração do sexo, as procissões de religiosos nus, a prática do ato sexual na área sagrada dos altares e na presença de sacerdotes. Em quase todo o Oriente a sexualidade se apresentava como a própria essência da religiosidade. Ainda hoje existem os resíduos de práticas eróticas nos países orientais com finalidade religiosa. A tradição das gueixas japonesas, ainda vigente, mostra o cuidado e o aprimoramento das técnicas de preparação do ato sexual, especializando-se as jovens numa cultura específica para serem uma espécie de sacerdotisas do Amor. No Egito, na Mesopotâmia, na Pérsia e na Grécia antigas a sexolatria dominou amplamente, com o culto de danças, cânticos e rituais eróticos, geralmente acompanhados da utilização de alucinógenos. Em Roma se passava o mesmo. As

Epístolas do Apóstolo Paulo revelam a infiltração dessas práticas nas primeiras comunidades cristãs. Na própria Israel das leis de pureza, como vemos nos textos bíblicos, o erotismo sagrado dominou sob várias formas. Na Idade Média, os demônios infestavam conventos e mosteiros, os íncubos e súcubos (espíritos diabólicos) invadiam os leitos dos religiosos e religiosas. Os Libertinos medievais formavam suas sociedades eróticas.

A própria concepção do homem como um horizonte, que por seus membros e órgãos inferiores se ligava à Terra, e por seus membros e órgãos superiores se liga ao Céu, mostra-nos a constante relação do Amor com a sexualidade no plano religioso. Não é, pois, de admirar ou de estranhar a explosão atual da licenciosidade e da pornografia, da toxicomania e intensificação da violência. Durante milênios cultivamos essas práticas na Terra, com requinte e paixão. Quando se mexe o caldeirão, para tentar uma nova estruturação da vida, é natural que os pesados resíduos aflorem à superfície. Cabe-nos apenas agir com prudência e coragem, para não aumentarmos a carga de iniquidades no planeta ao invés de aliviá-la. Conseguindo uma compreensão mais exata do Amor superaremos a crise.

VII

Amor e Realidade

Geralmente se acusa o Amor de deformar a realidade. O amante não vê os defeitos e as imperfeições da amada. Os pais chegam ao extremo de não perceber a feiura e as más tendências do filho. O patriota considera sua pátria a maior e mais bela do Mundo, embora não conheça o Mundo. O filho de um canalha defende a dignidade do pai e morre em sua defesa se preciso for. O odiento, pelo contrário, só vê defeitos e maldades naquele a quem odeia. E esse é um dos motivos pelos quais chegou-se a considerar o Ódio como o oposto do Amor. Hoje, certos psicólogos apegados à teoria da supremacia dos fatos consideram o Ódio como uma espécie de virtude, um poder do espírito que não deve ser domesticado nem controlado, como uma fera que não pode ser contrariada. Um psicólogo de renome chegou a declarar-me, num programa de televisão em que discordei de suas teorias: “Eu o odeio da cabeça aos pés!” Aconselhei-o a procurar um psiquiatra equilibrado (o que é difícil, mas existe) e ele me respondeu fazendo uma cena ridícula. No fim do programa negou-me a mão para a despedida. Aproveitava a oportunidade para dar um exemplo, ao vivo, de como se deve odiar os adversários, em defesa da integridade pessoal, da inteireza da personalidade. Não poderia haver maior demonstração da deformação do homem pelas suas idéias errôneas. Por sinal que essa atitude do psicólogo o incluía, apesar de seus títulos universitários e seu renome, ao rés do chão do homem comum, que infantilmente faz do ódio um meio de afirmação grotesca de sua personalidade.

Examinando esses problemas com a serenidade necessária vemos que a posição do amante é bem diferente da posição do odiento. O amante deforma a sua própria visão da realidade, mas não a realidade em si mesma. O Amor o leva a uma visão gestáltica, global, da pessoa amada, que na realidade não é nem pode ser totalmente má nem totalmente feia. O belo e o bem são categorias do real, necessariamente presentes, numa variação

infinita de graus, em toda a realidade. O Amor se mostra, portanto, na sua aparente deformação preferencial, como um poder integrador que ao mesmo tempo faz o amante ver a pessoa amada na sua integridade ôntica (na realidade real do seu Ser) e o integra na realidade. O Ódio, pelo contrário, se revela como o agente da parcialidade e do exclusivismo, concentrando a visão do odiento exclusivamente nos aspectos deficientes e maldosos da pessoa odiada. Podemos dizer que o Amor age como telescópio, ampliando o nosso poder visual para alcançarmos as dimensões do Cosmos, e ao mesmo tempo como microscópio, proporcionando-nos a percepção interna das estruturas do real. O Ódio funciona como um tapa-olhos que faz o animal ver apenas o trilho que tem de seguir compulsoriamente, sob o chicote do carroceiro ou a compulsão dos instintos. Estes são hoje considerados, e me parece que acertadamente, como impulsos determinados pelas necessidades orgânicas de sobrevivência e reprodução da espécie. A imagem, portanto, aplica-se bem ao caso. O odiento defende a sua posição e a do seu grupo, ao mesmo tempo em que envia o ódio contra o adversário. Sobrevivência do Ódio e sua reprodução estão implícitos na sua atitude. O exemplo histórico de Mussolini, com sua teoria do *vivere pericolosamente* e sua constante pregação do ódio: *Bisonha odiare l'inimico*, ou seja: “É necessário odiar ao inimigo”, mostra-nos ao mesmo tempo a natureza compulsiva do Ódio e a sua capacidade de levar os homens à loucura, a uma visão totalmente deformada da realidade.

O Ódio é água parada em que fermentam os ressentimentos, as frustrações, o ciúme e a inveja, o amor próprio ferido, a impotência humilhada, os impulsos de vingança, a traição, a arrogância e o sadismo. As trevas da maldade escondem esse charco no coração que se rebela contra a consciência, transformando o Ser Humano numa fera sanguinária, fazendo-o regredir aos instintos ancestrais, a necessidades orgânicas que ele não mais possui, dos primórdios da vida selvagem. O homem que odeia e quer semear o ódio no seio do seu próprio povo é um insano, um demente que precisa ser afastado do convívio comum e submetido a rigoroso tratamento. É necessário um esforço de

amor para restabelecer-lhe a condição humana perdida, como Luzbel, no mito bíblico, perdeu a sua condição angélica e caiu nas condições demoníacas. O povo que mantém esse homem no poder é um povo suicida.

Infelizmente a Sociedade não tem a estrutura do Contrato Social sonhado por Rousseau. O desenvolvimento industrial, e logo depois o tecnológico, promovendo a criação do mundo frio da Técnica, esmagou as esperanças humanas. As máquinas geraram a engrenagem monstruosa de dinheiro e poder, sustentadas por armas destruidoras, cuja ameaça constante e cada vez maior destruiu as ilusões líricas dos defensores da liberdade. O intelecto frio e calculista de um lado e de outro lado o homem reduzido a objeto, a peça mecânica da engrenagem, transformaram o mundo num parque industrial que devora a própria Terra, que a exaure sugando-lhe todos os recursos. A Sociedade Humana morreu por falta absoluta do Humano. O que temos hoje, no mundo inteiro, é o complô de máquinas, técnicas e armamentos contra o homem, um complexo de sociedades financeiras engrenadas contra a antiga e morta Sociedade dos Homens.

A Terra dos Homens, de Saint-Exupery, é uma visão remota de avião sonâmbulo que desapareceu nas fumaças venenosas da II Guerra Mundial. Hoje a Terra não é mais dos homens, pertence a monstros atômicos prontos a explodir cogumelos destruidores sobre todo o Globo.

A realidade é o que é. É em si mesma, não depende de nós. O condicionamento da realidade à nossa percepção é um dos sofismas de Sartre. Dizer que o que não vemos não existe, que as coisas e os seres só existem quando os percebemos e conhecemos é conceder-nos um poder que não possuímos. Nossa própria facticidade é uma prova da nossa impotência. Nascemos feitos, determinados por algo que nos escapa. Não obstante, esse algo nos fez e nos pôs no mundo, nos projetou na existência e nos tira dela sem nos dar satisfação. Temos de nos adaptar à realidade de nós mesmos e do mundo na proporção em que crescemos. E crescemos sem nenhum esforço para isso, movidos por forças que não controlamos e seguindo um esquema que não

fizemos. Somos todos iguais, como se fabricados em série, e ao mesmo tempo somos fundamentalmente diferentes uns dos outros. Por isso encaramos a realidade de maneiras diversas. Podemos interferir nela, mas apenas de maneira periférica. E hoje sabemos que a nossa interferência, que orgulhosamente consideramos benéfica, na verdade é maléfica. Só agora estamos descobrindo os segredos da Ecologia, e isso porque a perturbamos. Temos o poder de criar, mas somente em nosso âmbito pessoal. Criamos um mundo literário, com criaturas que vivem, sofrem e gozam, nas páginas de um romance, e nada mais fizemos do que, como queria Aristóteles, imitar a realidade. Quando queremos ultrapassar essa realidade, nossa criação se esfarela no irreal, no fantástico (na verdade apenas fantasioso) e sentimos nos dedos a sua irreabilidade.

No real que não criamos encontramos o Amor e ele se apossa de nós. Nossa vida se enriquece com os sonhos e os delírios do Amor e se empobrece quando ele nos abandona. Percebemos então a sua importância para nós. Fantasiamos alegremente a nossa vida amorosa e ela se desfaz em nosso roteiro sem que saibamos como nem porquê. Mas, como já vimos anteriormente, o Amor, e só ele, pode nos pôr o real nas mãos, sem que o possamos modelar. Ele se molda por si mesmo e, quando quer, nos integra no real. Esse é um aspecto da realidade que geralmente nos escapa. Porque, como Sartre, pensamos estar em nós e não fora de nós. Criamos um filho à nossa imagem e semelhança, a cor dos nossos olhos nos seus, e de repente ele se liberta de nós e passa a viver a sua própria vida, a existir por si mesmo. Isso tudo nos mostra que o real é o que é e não o que queremos que ele seja.

Nossa existência se insere no real, mas não é o real. Vemos uma coisa real, um homem real, uma mulher real e não vemos a realidade deles; nosso amor por uma coisa, por um ser, por uma atividade do real, mas de repente descobrimos que estávamos enganados. Mais que a fragilidade da condição humana, que a falência dos nossos propósitos, assusta-nos e tortura-nos a insegurança das nossas certezas. Descobrimos que a nossa existência é subjetiva, mas a vida nos prende ao objetivo.

Percebemos o mundo, sentimos a sua realidade exterior, agimos sobre ele e tudo isso nos mostra que somos entidades diferentes e que há uma barreira entre nós e ele. Não obstante, o *sentimento do mundo* parece estabelecer uma relação íntima e profunda entre nós e ele. A barreira se torna permeável e podemos nos tornar mundo pela endopatia, ou seja, pela possibilidade afetiva de penetrarmos no mundo e absorvê-lo em nossa realidade interna. O fenômeno endopático, nesse caso, não é apenas psicológico, é também biológico e fisiológico. Schiller, em seus estudos de poética, refere-se aos *poetas que são natureza*. Esses poetas assimilam a poesia do mundo e querem *ser mundo*, percebem a relação existente entre eles e a pedra, a árvore, o musgo, a terra que pisam e a cujo seio um dia voltarão. Tudo se encadeia e se relaciona no Universo, como observou Kardec. O *sentimento do mundo* vem das profundezas da ontogênese, do *fiat* da Criação, do momento em que a mônada, essa semente espiritual, acendeu-se no seio da matéria para absorvê-la, aglutiná-la e estruturá-la segundo esquema interior de cada mônada diferenciada. As diferenciações monádicas podem ser mais bem compreendidas por uma comparação com as diferenciações das sementes vegetais ou dos genes animais e humanos. Descobrimos assim a dinâmica da nossa ligação com o mundo. Mas continuamos a sentir-nos *independentes na dependência*, porque nenhum fragmento do Todo pode isolar-se dele, e existir sem ele, pois a existência depende da energia existencial que só o Todo produz e dispensa a todas as coisas e a todos os seres.

Parece bem claro que essa energia é o Amor, não uma energia física, mas espiritual, regulada e diferenciada por um Poder Inteligente, que é necessariamente o que chamamos Deus. A Filosofia panteísta de Espinosa pode ajudar-nos na compreensão desse problema. O panteísmo espinosiano não é propriamente panteísta, no sentido geral em que se toma essa palavra. Deus é a fonte de que tudo emana e por isso a sua presença em todas as coisas e todos os seres se impõe. Esse é o princípio dominante em todas as grandes religiões monoteístas, o da onipresença de Deus. Espinosa reconhece a estrutura dialética da realidade,

constituída de espírito e matéria. Da conjugação desses dois elementos resulta a síntese do real. Todas as coisas e todos os seres são *modos* ou *afecções* da substância única do real. Mas tudo está ligado à fonte e a ela retorna quando se verifica a sua aparente extinção. A Natureza, que é a manifestação de Deus no real, constitui-se de duas partes: a sensível e a inteligível, como em Platão. Como no Universo hipostásico de Plotino, por baixo da *Natura Naturata*, que é a realidade sensível, existe a *Natura Naturans*, que é a realidade inteligível. Espinosa estava tão convicto dessa estrutura do real que, ao morrer, disse que a sua morte não tinha nenhuma importância, era apenas um fato comum, pelo qual ele se reintegrava no Todo. Essa é a mais forte pincelada panteísta da sua doutrina, que reduz o homem a uma gota d'água retornando ao oceano. A prova de que, precisamente nesse ponto, Espinosa se enganava – ironia da sorte no caminho dos sábios –, é a prova científica da sobrevivência após a morte, feita primeiramente por Kardec e hoje confirmada nas pesquisas parapsicológicas e até mesmo nas mais recentes pesquisas físicas e biofísicas. Mas isso não diminui a importância da obra de Espinosa, que nos revelou, graças à sua intuição genial, a dinâmica do real. Essa dinâmica hoje se comprova experimentalmente nas investigações sobre a antimatéria e suas relações com a matéria. Vemos assim, também, que o Apóstolo João tinha razão ao dizer que Deus é Amor. É claro que a definição científica dessa tese só pode ocorrer no momento em que o avanço atual das Ciências permitir a investigação mais profunda e minuciosa do Amor.

A endopatia é um processo afetivo de sintonia, em que dois seres que se amam confundem-se num só, como dois vasos comunicantes num sistema de indução recíproca. Não se realiza a fusão real, mas há uma espécie de mistura psíquica, uma relação magnética em que os sentimentos de ambos se transpõem, fazendo que um se sinta de certa maneira o outro. A ligação endopática do Ser do Homem com o Ser do Mundo é uma manifestação do Amor Telúrico. O Homem ama a Terra, Gea, a matriz que o gerou no mistério das suas entranhas carregadas de forças desconhecidas. Sente-se terra, como queria

Schiller, e a Terra o retribui envolvendo-o no seu magnetismo. Os gregos diziam, com razão, que a Terra é um Ser Vivo. No plano das relações espírito e matéria a endopatia é um ato mediúnico, pelo qual o espírito livre do corpo material se liga ao médium, espírito encarnado, para lhe transmitir o seu *pathus*, toda a sua situação psico-emotiva em dado momento. Dessa mesma maneira os corpos celestes circulam em torno dos sóis, os satélites em torno dos planetas e, no microcosmo, as partículas em torno do núcleo atômico. A lei de gravidade é a mesma da endopatia, e ambas nada mais são do que manifestações diferenciadas da lei suprema da Criação, que é a Lei do Amor. Em nossa pequenez, em nossa impotência, não podendo abranger a totalidade cósmica senão em pensamento, damos nomes diferentes a manifestações diversas de um mesmo poder. Assim, fragmentamos a realidade em várias realidades, que na verdade são apenas uma realidade com múltiplos aspectos.

Essa tendência natural nos levou a fragmentar o próprio Deus nas concepções politeístas, de acordo com a fragmentação da Natureza em seus diversos aspectos e da Vida em suas diferentes manifestações. Nossas limitações decorrem não apenas do condicionamento corporal, mas também e sobretudo de nossa condição embrionária. O homem adulto se envaidece com a sua capacidade mental e as potencialidades divinas que encerra no seu próprio Ser, não admitindo que a sua condição seja tão precária e deficiente. Quer dar o salto qualitativo para uma situação que só poderá atingir em futuro ainda remoto. Mas a todo momento se choca com a sua impotência e a sua vaidade ferida o leva a rejeitar a existência de Deus. Colaboram para isso as teorias religiosas de um passado remoto, que às expensas das camadas populares e retardatárias ainda se mantêm no planeta, oferecendo ao povo uma concepção de Deus relativamente tão primitiva como a dos homens da caverna. Apesar disso, nos momentos de dor, angústia e desespero ele apela à misericórdia divina, pois no seu íntimo permanece inalterável a marca de Deus na criatura, a idéia inata de Deus que Descartes descobriu em si mesmo. É nesses momentos que o fenômeno endopático

restabelece a sua ligação com Deus, produzindo as conversões no seio desta ou daquela Religião.

O Amor de Deus e sua recíproca, que é o Amor a Deus, reaparecem no coração orgulhoso e fátuo do homem. O milagre que a sua religião de nascença não conseguiu produzir através dos anos acontece de maneira surpreendente pelo toque da dor, que desperta as lembranças profundas da endopatia espiritual entre o Criador e a Criatura. É tamanha a cegueira humana, que os teólogos e os clérigos de todas as Religiões nunca perceberam essa mecânica secreta que produz a conversão. Cada Religião em que esses fatos ocorrem se julga o instrumento providencial do milagre, que na verdade não passa de um fenômeno natural, produzido pelas leis que regem a consciência e a afetividade humanas.

A transcendência horizontal do homem, que se processa no plano social, segundo a tese de Karl Jaspers, transforma-se então na transcendência vertical, a ligação do Ser com o Outro, a que se refere Kiergaard, o pai teológico das modernas Filosofias da Existência. Deus se revela ao *existente* - o homem - revelando-lhe ao mesmo tempo a sua natureza divina no labirinto das ilusões mundanas. E se o convertido não estiver demasiadamente marcado pela hipnose do mundo, não se tornará um místico adorador de ídolos, mas racionalista consciente da Realidade Global. O Amor de Deus por ele e o Amor a Deus que brota do seu coração não o afastarão da realidade parcial do mundo, onde a responsabilidade humana exigirá a sua presença como um ativista da batalha humana pela redenção racional da espécie. Os místicos sonham com a sua redenção pessoal; os racionalistas esclarecidos lutam pela redenção humana.

VIII

O Amor Romântico

O sentimento amoroso toma, naturalmente, as mais diversas formas de expressão através do tempo, segundo as fases da evolução humana. Mas a tipologia do amor não se define por épocas, não pode ser classificada em esquemas precisos e padrões formais específicos. Seria mais fácil a sua classificação de acordo com as variações da tipologia psicológica. Mas não são apenas os fatores psíquicos que influem nas variações do amor. As pesquisas antropológicas entre os povos selvagens, com a finalidade de se conseguir, através de possíveis aproximações, uma idéia geral do comportamento humano dos povos primitivos, não incidiram suficientemente sobre as manifestações do amor. Mas é certo que entre os primitivos havia os mesmos motivos de atração amorosa que a vida na selva permite. No tocante às civilizações agrárias e pastoris as informações são mais abundantes e precisas, acompanhadas de documentos literários e particularmente lítero-religiosos que revelam os graus de idealização e emotividade da época. Não há muita distância entre essa fase e a das chamadas Grandes Civilizações Orientais, que por sua vez se aproximam bastante dos vários tipos de amor do mundo moderno.

Victor Hugo, na *Prece de Cromwell*, considerado como o Manifesto do Romantismo, tentou uma divisão histórica em três fases, fixando-se mais na transição do Mundo Antigo para a Era Cristã. Seu interesse principal era a justificativa do Romantismo. Mas a verdade é que nas próprias páginas da Bíblia (Antigo Testamento) encontramos o amor romântico nos poemas de Davi e Salomão. Nos Evangelhos temos uma informação breve, ocasional, mas importante sobre o amor dos primeiros tempos do povo judeu. Referindo-se à razão por que Moisés concedia o desquite, Jesus diz que isso acontecia em virtude da dureza dos corações. E ele mesmo admite o divórcio em caso de adultério. Essa concessão restritiva, que em nosso tempo deu motivo a que a legislação do Estado de Nova Iorque sobre o divórcio só

aceitasse como motivo o adultério, por outro lado originou ali a indústria dos fragantes de adultério. A Igreja, por sua vez, reconheceu a dissolubilidade do casamento, instalando em Roma o Tribunal da Sacra Romana Rota, que anula casamentos em todo o mundo católico mediante alegações que – segundo um critério especioso – possam considerar nulo o inviolável sacramento do matrimônio. Pagas as taxas devidas e a papelada exigida, o sacramento desaparece.

Examinando historicamente o problema, e considerando as expressões textuais dos Evangelhos em vários tópicos, Kardec mostrou que a palavra adultério não tinha, no tempo de Jesus, o sentido específico de hoje, mas estendia-se a diversos tipos de fraudes. Dessa maneira, os motivos de anulação do sacramento podiam ser muito mais variados do que se pensava. Apesar de tudo isso, a Igreja insiste ainda na indissolubilidade do vínculo matrimonial. É evidente que a dureza dos corações continuou através dos milênios. No princípio não era assim, disse Jesus. Kardec lembrou que, no princípio, nas sociedades primitivas, não existiam interesses materiais interferindo no amor, nem ambições de poder e prestígio, de maneira que os casamentos resultavam de afinidades individuais e não precisavam de sacramentos nem de registro civil para mantê-los e consolidá-los na formação das famílias. Temos assim uma seqüência histórica que nos dá uma visão do problema. No começo do povoamento da Terra o amor nascia das afinidades afetivas e não sofria pressões estranhas. A própria simplicidade da vida, nas tribos e nas hordas, favorecia as ligações naturais agrárias e pastoris, em seus inícios, a simplicidade dos costumes favorecia o respeito aos interesses dos pares e desenvolveu-se uma fase bucólica de felicidade amorosa. Mas na proporção em que as populações aumentavam e a riqueza crescia, a situação amorosa ia sendo afetada pelos interesses estranhos. Podemos lembrar o caso de Marília e Dirceu no episódio da Inconfidência Mineira, em que os interesses políticos romperam para sempre o idílio de sabor e estilo arcádico. A fase bucólica do amor puro, espontâneo e livre (no bom sentido) passou rapidamente como precursora do Romantismo que surgiria no Século XIX. Os arcades esqueceram

suas amadas e romperam ou silenciaram as cordas de suas liras. Começou então a fase negra dos amores frustrados e dos casamentos impostos pelas famílias. As jovens só tinham um direito, o de obedecer. É impossível calcular-se o número de uniões infelizes que então se realizavam por toda parte, com festas solenes e suntuosas que encobriam as lágrimas e desesperos das criaturas sacrificadas a interesses materiais e políticos. A literatura feudal, escassa e popularesca, dá-nos uma idéia das tragédias da época. Posteriormente encontramos descrições e relatos mais vivos na literatura feudalista, que tentou a recomposição de numerosos casos. O amor não era mais uma fonte de felicidade, mas de frustrações dolorosas que não acabavam em tragédias do tipo grego. Eros não anunciava a alegria, mas a dor.

A era de compromissos e façanhas heróicas do Feudalismo, cheia de etiquetas e aparatos suntuosos, de jogos florais e cavalheirismo galante, foi uma tentativa inconsciente de restabelecer o paraíso perdido dos primeiros tempos. Durante um milênio Eros ainda seria submetido aos caprichos dos homens poderosos e voluntariosos, e belas jovens castelãs, fechadas em suas gaiolas de ouro e cercadas de fâmulos inúteis, sofreriam condenações implacáveis pelo pecado do amor, e muitas delas teriam de suportar, nas ausências guerreiras dos maridos de honra e brasão, o suplício de ferro dos cintos de castidade. O amor se escondia nas furnas da hipocrisia, para que a honra dos barões, frágil honra que uma jovem amorosa podia estraçalhar, permanecesse intacta. E quando um clérigo esclarecido e corajoso ousava rebelar-se contra a imposição do celibato – signo de santidade em respeito à ordenação do próprio Deus na Bíblia: “Crescei e multiplicai-vos” – teria de sofrer, como Abelardo, a perseguição sagrada, as penalidades eclesiásticas e por fim a castração violenta em nome da honra e da purificação espiritual.

Foi desse conjunto brutal que nasceu o Romantismo, que Victor Hugo, embalado em seus sonhos do poeta e integrado no clima anestesiante da época, considerou como o impacto da verdade cristã, carregada de horror e beleza, no mundo que fazia

do Cristianismo o seu modelo divino de arte e vivência. Não obstante as contradições flagrantes e o esmagamento de todos os direitos e liberdades individuais, essa época sombria justificou a renovação romântica das artes e da cultura geral. O amor romântico floresceu na terra empapada de sangue e lágrimas e transformou-se, nos séculos da Renascença e nos primórdios do mundo moderno, num legítimo processo de renovação estética e cultura. Foram necessárias duas guerras mundiais, uma ainda romântica e a outra monstruosa, para que os homens percebessem, no mundo contemporâneo, que seguiam às cegas o caminho da destruição total do planeta, hostes de bárbaros tecnológicos cultivados na sistemática da mentira e da hipocrisia. Somos hoje os herdeiros desse passado de pesadelo. E se não aprendermos que o amor é a própria presença de Deus nos corações, e não a respeitarmos, evitando lançá-la no charco da canalhice convencional, teremos fatalmente pela frente o horror escatológico da guerra neutrônica. Com essa guerra, pelo menos, teremos a possibilidade de esvaziar o mundo sem destruir as condições materiais, testemunhas vazias e inúteis da nossa incapacidade de amar. Do amor romântico já passamos à devassidão organizada e ao cultivo alegre da pornografia. Sobrarão nas cidades fantasmas do planeta suicida as figuras sodômicas dos quadros pornográficos.

Mas apesar disso o amor romântico venceu e continua a embelezar o mundo na sua fase perigosa de transformação. Porque o Romantismo, como viu e declarou o gênio de Hugo, não é uma fantasia de mentes alienadas, mas a expressão de uma realidade interna e viva, que as ameaças externas não afetam. Essa realidade é a do amor que sustenta a integridade humana em todas as crises do processo histórico. Fonte oculta de energias espirituais na intimidade do ser, não necessita de estímulos ambientais para florir em qualquer tempo ou circunstância. Das entranhas do Feudalismo arrancou os resíduos asfixiados da semente cristã e os fez brotar na nobreza dos cavaleiros heróicos que se imolavam e à graça das cortesãs. Transformou as pugnas violentas em arroubos de dedicação ao ideal feminino. De um olhar, uma flor caída por descuido

aparente na arena, uma luva atrevidamente atirada aos pés do espadachim ou lanceiro apaixonado, criou lendas temerárias que embalavam em sonhos as gerações sacrificadas. Mesmo no horror das Cruzadas a imolação ao Cristo se misturava aos votos de eterno afeto às damas distantes. E foi nesse torvelinho de paixões e traições, de loucuras e devotamentos, que o amor sensual da Roma de Messalina e o amor transviado de andróginos e lésbicas de Atenas foi canalizado para o amor arrebatamento da transcendência cristã. As poderosas energias do ideal platônico infiltravam-se nos sonhos de beleza e pureza dos cancioneiros populares, misturando-se com a figura sacrificial do Cristo. A rosa aberta sobre a cruz simbolizava o processo dessa alquimia divina em que as consciências se transformavam. Foi nessa perspectiva interna do monstruoso panorama feudal que Victor Hugo deslumbrou, a distância, a fermentação das idéias cristãs preparando na carne do Império abatido a floração do Romantismo, com os contrastes da realidade superando o formalismo canhestro dos condicionamentos estéticos. A visão dialética do mundo superava o classicismo por força da influência cristã, a religião da verdade, em que o véu diáfano da fantasia, na expressão de Eça, era rasgado como o véu do Templo. O disforme e o perfeito, o horrível e o belo, todos os valores e desvalores da realidade deviam mostrar na arte a riqueza e a grandeza da concepção cristã. Ao lado da beleza sublime de Esmeralda ele colocaria, na fachada hierática de Notre Dame, a deformação do corcunda. A religião que substituíra a perfeição dos deuses olímpicos pela fragilidade humana de um carpinteiro crucificado abria novas perspectivas para a estética em todas as suas dimensões.

O amor romântico antecipara o romantismo hugoano, mas encontrava nele a seiva necessária ao seu desenvolvimento. Na concepção hugoana o romantismo não era uma espécie de romancear da vida, mas um *nafar* da realidade em todas as suas manifestações. O cristianismo rompera a barreira de todos os formalismos judaicos e derrubara os deuses mitológicos dos seus pedestais, livrando o mundo das deturpações condicionantes da

traição e dos desvarios da imaginação mitológica. Já no seu tempo a Igreja assimilara essas deformações e mascarara o Cristianismo. Mas o poeta empolgara-se com a revolução conceitual do Cristo e não percebia o retrocesso. Por outro lado, ele mesmo havia sido um cultor espontâneo do amor romântico na adolescência e na juventude, com sua paixão por Adele Fouchê, e conhecia por experiência própria que o amor romântico era o eclodir das aspirações profundas do ser na vivência temporal. Proclamar a realidade ôntica desse amor era libertar o ser das pressões exteriores que o esmagavam nas frustrações da realidade social. O amor romântico aparecia assim como um resgate espiritual das vítimas do passado.

Toda a força do Romantismo, como escola literária e como forma de vida, provém precisamente do problema que Hugo percebeu e tentou equacionar para uma solução possível, que seria a sua aplicação à conduta humana, em todas as atividades do homem, numa civilização liberta de superstições e preconceitos envelhecidos. É das profundezas da alma, da essência do ser que se projetam na existência as aspirações de beleza, de pureza e harmonia que, buscando a sua reciprocidade na criatura amada, mirando-se e refletindo-se no espelho dos seus olhos, da sua ternura, das suas formas delicadas e puras. Por isso, o amor romântico não é uma ficção ocasional e vazia, mas uma realidade ôntica dominadora. Muitas vezes a criatura amada não corresponde às expectativas do amante, mas ele insiste e procura modelá-las a seu modo, ansioso pela resposta que dela esperava. Então ele se engolfa em si mesmo, reprime a sua frustração mas continua a esperar e tudo faz para que o seu espelho mágico reavive os poderes misteriosos que deve e precisa possuir.

Os que zombam do romantismo e se entregam a um suposto realismo de banalidades e insolências, pensando que assim avançam desenvolvimentos além do seu momento existencial, não passam de espíritos imaturos, sem conteúdo emocional. Os que se conservam românticos à revelia do tempo, preenchem o vazio da alma eleita com a doação de si mesmos. É esse o milagre romântico do Cristianismo, que a sensibilidade de Hugo ofereceu

ao sibaritismo cristão do seu tempo. Mais tarde, exilado em Guernesey, o grande poeta da França seria recompensado com as provas mediúnicas da verdade que defendera. O Cristianismo rompia, aos seus olhos, as pedras da calçada em tufo de relva verdejante.

IX

Amor e Desejo

Quem ama, quer, quem quer, deseja. O amor desinteressado é uma lenda piedosa. O interesse nasce da essência do ser. A sua projeção no plano existencial é determinada pelo interesse da comunicação. Esse interesse básico permanece e o domina em toda a sua existência. Comunicação é relação e nesta surgem os atrativos das coisas, das situações e dos seres. Os atrativos formais, situacionais, psicológicos e culturais provocam e estimulam o interesse recíproco entre os pares. O interesse inicial desencadeia a seqüência de interesses que os levará ao despertar do amor, da querência e do desejo. Querer é desejar sem apego, no plano superficial das necessidades imediatistas. Desejar é querer com anseio, sob a ação dos instintos, das forças inconscientes do existente, o ser entregue às exigências vitais do condicionamento humano. Dessas especificações decorrem os vários tipos do amor, desde o instintivo e animalesco até o espiritual e sublime, que empenha no amor a totalidade do ser. A paixão é o delírio do ser premido pela ação múltipla e confusa de todos esses vetores em explosão psico-biológica.

Definir essas várias manifestações do amor é uma necessidade da disciplina do comportamento e da conduta. O comportamento disciplinado racionaliza a conduta e previne os enganos fatais do amor, evitando o delírio da paixão sem asfixiar ou atenuar as expansões naturais do amor. A pesquisa sobre o amor não pretende aniquilá-lo nem conformá-lo a modelos e padrões, mas apenas tornar os amantes conscientes, pelo conhecimento do terreno em que pisam, das ilusões e excessos a que podem ser arrastados. Em todas as situações existenciais o conhecimento da realidade é indispensável ao êxito. As correntes da energia amorosa participam ao mesmo tempo das aspirações espirituais e dos impulsos vitais. Só o conhecimento racional dessa condição do amor pode nos dar o domínio do espírito sobre ele através da razão, que é o espírito em atividade na existência. Não há força de vontade que possa dominar o amor,

pois o amor joga com a vontade desde a sua manifestação inicial, sem dar tempo à reflexão, que é logo posta a serviço e em função do interesse do amor.

Todas as divagações sobre o amor nascem do seu fluxo já desencadeado e servem apenas para estimulá-lo. A experiência do amor não informa sobre ele, pois é feita de desejos e frustrações com resultados traumáticos. Por isso os homens maduros e até mesmo os envelhecidos se comportam no amor com a afoiteza e a inexperiência dos jovens. O ridículo dos amores maduros decorre dessa situação etária desconexa. Não há conexão entre as exigências do amor e as da idade madura ou senil no comportamento social. Essa falta de conexão exaspera os amantes extemporâneos, tirando-lhes a possibilidade de agir com moderação e prudência. Simone de Beauvoir protesta, em seu livro sobre a velhice, contra a negação social aos velhos do direito de amar. Um protesto inócuo, pois o problema decorre de uma defasagem etária em que as condições naturais do processo existencial são violadas pelos amantes, o que determina o desajuste indisfarçável de sua posição social. Os velhos não perdem o direito de amar, pois a lei do amor é eterna e insubmissa às ordenações temporais. Mas as próprias condições biológicas da velhice mostram que esse direito deve ser exercido num sentido mais amplo e espiritual. O desgaste das energias físicas anuncia o fim do ciclo existencial e a libertação do espírito para dimensões mais amplas da realidade. É nesse momento que toda a experiência existencial dos velhos fracassa ante o instinto de conservação e o fluxo poderoso das energias da afetividade. Quando os velhos resistem ao desgaste físico e mantêm a juventude do espírito – pois esse não envelhece, deixando-se apenas influenciar pela velhice do corpo – a ilusão de uma condição vital ainda equilibrada pode levá-los a tentar aventuras amorosas de conseqüências perigosas. A pesquisa sobre o amor revela que a própria virilidade física pode manter-se até a mais alta idade, tanto no homem como na mulher. Mas demonstra também que as condições favoráveis da velhice conservada não passam, em geral, de um curto período existencial, e mesmo quando se prolonga mais do que se pode

esperar, é sempre seguido de conseqüências que embaraçam ou perturbam as relações do casal em desnível crescente, criando-lhes problemas insolúveis.

Ao amor da velhice é oferecida a opção da família, das novas gerações que brotaram do tronco agora envelhecido, mas ainda firme e ereto, com suas raízes agarradas ao chão e seus ramos abertos ao céu. Vargas Villa, já nas proximidades dos sessenta anos, revisando *Ibis*, livro da juventude, para uma reedição na Itália, deixou-nos um testemunho impressionante do envelhecimento consciente e carregado de belezas e emoções insuspeitadas:

“Como habrá quien puede llegar a estas alturas de la vida, en que de pié, sobre la cumbre de la edad, divisamos as nuestros piés las llanuras de la Vejez y enpezamos a descender a ellas con una fronte gravida de pensamientos y nun ritmo suave, como de subito nos hubiesen nascido unas alas muy tenues, echas para volar en el crepusculo? El Sol, violador de todas as tiniebras, no tiene ya, en la casta quietud de ese horizonte, nada que violar.”

Não se trata de uma conformação forçada, mas de um amortecer natural das trepidações da existência, na fase de chegada ao destino, quando o navio diminui a contagem dos nós à vista da terra próxima, ou quando o avião abrandando a fúria das hélices para ensaiar o pouso tranqüilo e seguro na pista certa e precisa do aeroporto. Todas as batalhas foram vencidas, para aquele que soube lutar com plena consciência dos seus objetivos. Por isso o espírito se quieta no corpo envelhecido e o homem sorri com leve ironia, toda de autopiedade, lembrando as refregas ardorosas em que se atirara coroadado de louros que murcharam na esteira do tempo. Se soube aprender as lições existenciais, seu coração se abre para os filhos e os netos, cercado de carinho e respeito. É então que as aves se acolhem aos ramos das suas experiências, como no soneto de Bilac. Trocar essa serenidade em que o passado ecoa surdamente, à maneira do marulhar das ondas numa concha vazia, pelas inquietações de uma reconstrução impossível, é expor-se desavisado aos fracassos e

ao ridículo. Knut Hamsun adverte: “Um vagabundo toca em surdina, quando chega aos cinqüenta anos.”

O envelhecer é o anoitecer existencial. Ao cair do crepúsculo, aqueles que envelhecem normalmente sentem as asas tênues de Vargas Villa, o impetuoso escritor colombiano que empolgou a Europa de fins do século passado com seu estilo vibrante e nervoso, retumbante como o do Corão. Se houve alguém que devia ter dificuldades para envelhecer, foi sem dúvida Vargas Villa. Mas podemos ver, no pequeno trecho que dele transcrevemos, em sua própria língua, tão apropriada a ele, como essa inteligência vulcânica soube compreender a beleza da hora crepuscular. Era um solitário que amava o mundo e a vida expansiva, numa intimidade telúrica e vivencial que só ele conseguia manter. Falava de seu amor em estilo pirotécnico, mas o cultivava às escondidas, num *tête-à-tête* ciumento. Esse intimismo o preparou para tocar em surdina, obedecendo ao ritmo da vida.

Na proporção em que o organismo físico decai, diminuindo a intensidade dos impulsos, a existência se torna cinzenta. Mas, ao mesmo tempo, o colorido do poente anuncia um novo alvorecer. E quando as trevas envolvem a paisagem, as estrelas assaltam o céu numa revoada de mundos insuspeitados. É a hora em que o ser descobre a sua ligação secreta com o Cosmos, a sua união profunda com o Todo. O espírito se desliga lentamente dos particularismos do planeta para vislumbrar a imensidade que o espera, a eternidade dinâmica que o atrai. As asas tênues do crepúsculo convertem-se em asas estelares das almas viajoras de Plotino. Insistir no apego à vida terrena, ao plano existencial, é lutar contra a realidade universal inelutável. Não são apenas os velhos que morrem, mas na velhice a morte é o prêmio da vida, pois esta se desdobra em novas e surpreendentes perspectivas nos ritmos do envelhecer. A maior e a mais brilhante dessas perspectivas é a do Amor, que se amplia em todas as direções e eleva-se nas hipóstases do Inefável, onde as mãos de Beatriz nos mostram as revoadas dantescas de asas angélicas. Repudiar essa oferta divina para tentar readaptações mesquinhas e inviáveis no mundo dos homens é negar-se a si mesmo. O ser que se entrega

confiante a esse arrebatamento não teme envelhecer. Descobre por si mesmo a harmonia perfeita dos ritmos da vida, na sucessão gradual das fases existenciais, em que a velocidade interior dos impulsos vitais acompanha a invariabilidade dos ritmos exteriores, numa conjugação inexplicável, determinada por um esquema sutil de leis desconhecidas. Arrebatado pela morte, que assusta e horroriza os jovens, o espírito amadurecido na experiência existencial descobre a si mesmo e entra na posse da herança que o esperava segundo o ensino do Apóstolo Paulo. Não encontra o Céu das lições religiosas, nem o paraíso terreno dos árabes com suas urís e seus profetas, mas a realidade essencial das coisas e dos seres, em que se identifica com a sua própria realidade.

Os que não venceram na projeção existencial, identificando-se com as etapas da existência, apegando-se às formas perecíveis da rotina vivencial, sem descobrir o sentido da descoberta filosófica de que a existência é *subjetividade pura*, permanecem prisioneiros de si mesmos, amarrados a ídeo-cristalizações do passado, apegados às hipóstases terrenas e às aparências de uma velhice estacionária e por isso mesmo irreal, que só neles existe.

Os velhos são geralmente acusados de retrocesso ao egocentrismo infantil. Engolfam-se em suas recordações e só amam a si mesmos. A velhice não deforma o espírito, apenas o liberta. O egoísta se engolfa no egoísmo que cultivou na existência. O espírito aberto e generoso continua a ser o que era. Mas o desencanto do mundo e da vida, a superação das ilusões tornam geralmente os velhos mais introspectivos, desligados de uma realidade exterior que para eles não tem mais nenhum segredo. Mas o amor permanece em seus corações como a chama solitária do Templo de Vesta, sempre alimentada pelas vestais das lembranças e das experiências adquiridas. A chama tranqüila, acesa na penumbra do templo, não tem os lampejos de outrora, mas não se apaga. É o fogo de coivara das queimadas sertanejas, que dorme nas brasas entre as cinzas e pode reavivar ao sopro dos ventos. Basta o desencadear de acontecimentos inesperados, como lufadas que atinjam a sua sensibilidade, para que o amor dos velhos se erga novamente em labaredas de

abnegação e sacrifício. É o que se vê nos grandes momentos históricos e até mesmo no âmbito de instituições privadas, quando velhos lutadores retornam à liça para defender os seus antigos ideais. Nas lutas da última conflagração mundial, quando a loucura nazi-fascista empolgou multidões alucinadas, vimos os velhos lutadores do passado, encastelados em suas posições definitivas ou até mesmo em seu repouso, levantarem-se como barreiras ante a ameaça dos bárbaros. Churchill voltou, com seu charuto à boca, a erguer o V da vitória aparentemente impossível sobre as ruínas de Londres. Roosevelt deixou as comodidades de Washington para agir como um jovem guerreiro em defesa dos ideais democráticos. Stalin saiu de sua toca de urso para deter nas estepes geladas o avanço das tropas nazistas. Mas um velho egoísta não titubeou, após a morte de Roosevelt, em ordenar o genocídio atômico de Nagasaki e Hiroshima, porque em seu coração o amor pela Humanidade jamais conseguira lampejar. Na França, Petain, o velho herói do Marne, aturdido com o esmagamento impiedoso da pátria, expôs-se à vergonha de Vichy para poupar, à custa de sua própria desonra, a população indefesa.

Esses exemplos históricos, e tantos outros que se perderam no anonimato das terras martirizadas, dos povos esmagados pela catástrofe, mostram que no coração dos velhos a chama do amor continua acesa enquanto as condições físicas do cérebro permitirem a atividade espiritual da mente.

Naqueles em que o amor se elevou aos planos do altruísmo, os desejos individuais, dirigidos pelas forças genéticas, apagam-se para dar mais brilho aos anseios de sublimação. Os prazeres sensoriais perdem o seu encanto e são substituídos pelas aspirações do futuro, entrevistas na paranormalidade das percepções extra-sensoriais. O ser do corpo emudece ante o contínuo e secreto murmurar do ser espiritual. É graças a isso que a aparência juvenil de certos velhos não corresponde à realidade de sua inevitável decadência orgânica. A chama do amor sustenta o corpo envelhecido.

X

A Mulher no Amor

Em todos os tempos, como já vimos, a mulher foi a grande sacrificada no amor. Colocada em plano inferior na sociedade, nunca teve o direito de amar, pois só lhe cabia e ainda hoje lhe cabe, a função passiva de ser amada. Essa posição a colocou na condição de presa, objeto de conquista. E uma vez conquistada, sua liberdade individual se apagava e ainda se apaga ante os direitos absolutos do marido. De nada valem para a mulher os seus encantos, a sua beleza, a sua inteligência. Mesmo quando, por direitos dinásticos, ocupasse um cargo superior, no âmbito familiar estava obrigada à sujeição marital. E por mais que brilhasse a inteligência feminina, a posição da mulher não se alterava, e ainda hoje continua, de uma ou de outra forma, subjugada pelo *seu senhor*. Este é o grande pecado dos homens, que podem ser acusados, em bloco, de caçadores, carcereiros, dominadores e exploradores da condição feminina.

Os hímens contaram, para impor e manter essa situação injusta, não só com a sua superioridade no tocante à força bruta, mas também com as desvantagens da mulher no tocante ao sexo e às suas funções maternais. O que a moral burguesa (nascida nos burgos feudais) produziu em princípios, normas e exigências, para reduzir a mulher a simples serva do homem, ainda está para ser arrolado e avaliado. Talvez não o seja nunca, porque a escravidão feminina é uma mancha negra na cultura dos povos, e tão espessa que atinge na sua nódoa os dois sexos. Houve, naturalmente, muitos motivos circunstanciais para isso. Mas o motivo central e decisivo foi um só: a arrogância masculina, o complexo de superioridade dos homens, o seu preconceito absurdo e aviltante (para ele mesmo) contra aquelas que são suas mães, filhas, avós, companheiras, irmãs, amadas e mães de seus filhos.

Na pesquisa sobre as condições do amor feminino o que mais espanta é a situação de passividade absoluta a que ela ficou reduzida por milênios na estrutura social. Ser humano como o

homem, com todas as condições humanas e todas as exigências psicobiológicas da espécie, foi sempre obrigada a esperar do homem a decisão do seu destino e obrigada a suportá-lo pela vida inteira como sujeita a um decreto divino. O homem aviltou, assim, a condição humana da mulher, aviltando-se a si mesmo.

Entre os vários males que a mulher sofre, decorrentes dessa escravidão e dessa humilhação multimilenar, o que parece mais angustioso é o que chamaremos de *crise pré-matrimonial*. A jovem adolescente não desperta para o amor com a leviandade insolente do homem. Seu despertar é cheio de inquietações, preocupações, temores, aflições, angústias e desesperos. Porque ela traz em seu inconsciente a determinação genética da maternidade. Não sonha apenas com o seu príncipe encantado. Sonha com os filhos e o lar, com os deveres de mãe, com os inocentes e indefesos que um dia deverão surgir em seu ventre e dele brotar para a vida. Todas as suas aspirações de jovem se centralizam nessa perspectiva maravilhosa, conto de fadas alimentado exteriormente pelos exemplos vivos de histórias caseiras e obras de ficção infantil, bem como pelos objetos de brinquedo: as bonecas, os enxovaizinhos provocadores, os cuidados da mamãe que o instinto infantil de imitação torna fascinantes aos seus olhos ingênuos. O matrimônio se torna para ela uma exigência biológica mais importante que as exigências sexuais. Mas apesar desse determinismo irrevogável, ela nada pode fazer para atingir o seu objetivo, pois tudo depende exclusivamente do homem. Essa situação desencadeia-se na adolescente e acentua na moça o desesperado desejo de casar-se. Para satisfazê-lo, ela só dispõe dos seus encantos pessoais, mas se acaso se atreve a desenvolvê-los e enriquecê-los com os artifícios possíveis, é logo notada e considerada como uma doidivanas, uma leviana que vive se oferecendo aos homens e ferindo a dignidade feminina. Quantos males decorrem dessa situação angustiosa, enriquecendo clínicos no passado e psiquiatras no presente! Por outro lado, se a jovem tem os seus caprichos, como todos os seres humanos os têm, e não como um par entre os possíveis admiradores, é acusada de inconstante e perigosa, talvez marcada como em adultério.

As exigências sócio-morais da sociedade a espreitam e oprimem de todos os lados. Mas ai dela se entregar-se facilmente à válvula de escape das crises inconscientes de perturbações orgânicas ou psíquicas, pois então será classificada como histérica, dominada por distúrbios que poderão tornar infeliz para sempre o pobre candidato que lhe cair nas garras ansiosas.

Sua inteligência, sua cultura (só hoje permitida com a parcimônia determinada pelos preconceitos e as restrições financeiras) de nada valem. Ela se sente em igualdade de condições com os que a disputam, mas essa igualdade é apenas uma impressão pessoal, pois nos quadros sociais a sua inferioridade ao homem é a marca de Caim na sua fronte. A homossexualidade feminina é geralmente oriunda dessa situação, uma reação da impotência em que se vê abandonada, um esforço para igualar-se aos homens na desenvoltura, na insolência, nos modos de se expressar, na tonalidade da voz e finalmente nas vestes. Não é tanto a homossexualidade que se define nessas aparências masculinas, mas a crise pré-matrimonial, o desespero das jovens que não dispõem de meios para vencer as barreiras que a cercam e a isolam, ameaçando-a com o fracasso da sua existência. E essa crise se agrava, ao invés de aliviar-se, com as licenças que surgem na sociedade industrial em termos de mão-de-obra. As jovens se igualam aos rapazes na capacidade produtiva, na possibilidade de assumir encargos até agora só reservados aos homens, mas isso não diminui a diferença essencial, não lhes tira da fronte a marca de Caim – são mulheres, criaturas submetidas ao poder masculino.

Existencialmente essa situação é insuportável, mas elas têm de suportá-la ou arriscar-se a situações talvez mais melindrosas. Carregam pelos dias, meses e anos, o problema insolúvel, à espera do herói que deve salvá-las. Às exigências naturais da sexualidade superpõem-se as angústias da maternidade frustrada, do lar utópico, dos filhos que não podem chegar sem a nódoa da condenação social e moral, acrescida muitas vezes dos temores religiosos cultivados na infância e na adolescência. Paira sobre elas a dupla ameaça da execração familiar e da condenação divina.

Numa análise existencial esse problema se complica. Os conflitos que asfixiam essas pobres criaturas nascem de condições essenciais do ser. O anseio de amor, as exigências sexuais, a necessidade de integração social em termos de normalidade sócio-moral e legal emaranham-se no espírito atribulado; ao mesmo tempo, os seres que ainda permanecem como *não-seres*, no estado limbo da estranha condição da teoria sartreana – atormentam a jovem com sua presença invisível, instigando-a intuitivamente à busca do amor. O que são eles? As pesquisas atuais da Parapsicologia permitem-nos dizer que são espíritos ansiosos pela encarnação, necessitados talvez de um novo nascimento entre os homens. Esse é o *não-ser* de Sartre, embora o próprio nunca os tenha definido. Esses, os seres humanos de um futuro próximo, que tentam mergulhar na carne através da jovem com a qual possuem compromissos recíprocos oriundos de um passado imemorial. A angústia existencial sobrecarrega-se com a angústia metafísica dessa carga ôntica ansiosa por se projetar na existência. Entre eles e ela os laços de amor se estreitam dia a dia e elas se desesperam com a interminável espera do parceiro que talvez tenha esquecido ou repudiado antigos compromissos. Por mais que este aspecto do problema possa ser considerado absurdo ou mítico, a pesquisa sobre a reencarnação, nos Estados Unidos, na URSS, na França, na Índia, nos países da órbita soviética, estão hoje mostrando por toda parte que o mistério dos nascimentos não pode ser colocado apenas em termos biológicos. Há mais complexidade no nascimento de uma criança do que o supõem as nossas vãs teorias materialistas. E a sensibilidade feminina, geneticamente ligada a esse problema, é a que capta agudamente o que se passa nos bastidores de cada episódio de introdução de um novo personagem na existência. Não há improvisações nem milagres nos processos da Natureza. E se os houvesse toda a Ciência estaria condenada à falência. Cada jovem casadoura é sempre atormentada pelo dever da maternidade. A maioria das perturbações psíquicas nesse campo provêm de percepções extra-sensoriais de futuras gestais, ainda inseguras e ansiosas quanto ao seu futuro na existência.

O jogo leviano do amor só é leviano para os homens. Quanto compete às mulheres, está sob pressões que a nossa Ciência só agora começa a descobrir com mil dificuldades, em virtude dos preconceitos e da rotunda ignorância que domina os nossos meios científicos. Nada é ocasional nem frívolo nos eventos naturais. Homens e mulheres que se unem por amor ou simples atração sexual assumem compromissos graves e de sérias conseqüências no futuro próximo ou remoto. Mas na Terra são as mulheres que arcam até agora com o peso maior desses compromissos. O que vale dizer que os homens, apesar de sua suposta liberdade nesse sentido, não escaparão da parte que lhes toca.

O amor é em si mesmo um grave compromisso. O ser tem sempre consciência de seus deveres e de suas responsabilidades. O plano existencial é aquele em que esses compromissos se apresentam para o teste da responsabilidade individual. Léon Denis falava da pesada responsabilidade dos homens no mundo. Porque o mundo é a banca examinadora pela qual passam as gerações sucessivas. Os levianos, os irresponsáveis, os que fingem inconsciência para viver à solta, como animais que só buscam alimento e satisfação de suas necessidades vitais, são seres falidos, endividados com as leis naturais de que só querem tirar proveito imediato. Os deuses do passado mitológico não existem mais, não podem mais punir os faltosos com seus azorragues impiedosos, mas as leis naturais nunca deixaram nem deixarão de existir e de controlar os eventos do mundo. Antigamente os sacerdotes exerciam por conta de suas igrejas a função de perdoar pecados, mas hoje apenas os beatos acreditam nisso. A maioria sabe, e sabe de maneira ineludível, que a responsabilidade individual é intransferível, pois cada um de nós é um vetor carregado de explosivos que tem a hora certa e exata para a explosão de suas cargas. Se o ser é a mais alta conquista da Natureza na Terra, este cantinho exíguo do Universo em que fazemos a nossa trajetória existencial, é evidente que tudo o que se refere ao ser, e particularmente aos seus deveres existenciais, que implicam os compromissos da consciência, pesam em nós e no mundo de maneira intransferível.

O homem e a mulher têm funções diferentes na existência, mas deveres e direitos iguais. As funções estão naturalmente sujeitas à conjugação de deveres e de direitos. O amor é o poder de que ambos dispõem para a superação de todas as dificuldades. O amor da mulher é uma doação constante ao mundo e aos homens. A mulher pervertida é uma aberração social, o que vale dizer uma vítima dos homens, que respondem pela organização e orientação da sociedade. Deus, consciência cósmica de que nascem e da qual se projetam em todas as direções as leis naturais, não castiga este ou aquele em particular, nem faz concessões especiais a ninguém. A Justiça Suprema decorre das leis cósmicas e estas estão inscritas em nossa consciência. Qualquer violação das leis é imediatamente punida por suas conseqüências. A liberdade humana é condicionada como a do criminoso beneficiado por sursi. A situação crítica da Terra em nossos dias não foi determinada por um veredicto de Deus ou de qualquer potência inteligente do Cosmos, mas pelo mecanismo e a dinâmica das leis naturais, que tanto controlam a Natureza como regem os princípios orientadores da nossa consciência.

As jovens de ontem, que eram nossas companheiras de existências passadas, reencontram-se conosco na existência atual e endereçam suas petições aos nossos corações. No Tribunal do Amor há testemunhas e jurados. Muitos deles estão prontos a votar contra nós, mas há também os que nos querem absolver. Poderia algum deles absolver-nos em prejuízo de seus entes amados que aviltamos? A situação caótica, desesperada, do mundo que construímos com nossas ações passadas exige hoje de todos nós uma retomada de consciência diante da realidade irreduzível. Temos de rever os nossos conceitos envelhecidos, de encarar a realidade com os novos dados de que dispomos. Não podemos iludir-nos a nós mesmos em nosso próprio julgamento. A Hora do Juízo não soa no alto, entre as nuvens ou as estrelas, mas aqui mesmo, na Terra, em nossa subjetividade existencial.

XI

O Amor da Era Cósmica

Na seqüência conhecida das civilizações terrenas, que constitui a perspectiva histórica do nosso mundo, podemos propor um esquema da evolução do Amor. Segundo Toymbee, já tivemos pelo menos vinte grandes civilizações que pereceram, dando nascimento a outras. Somente a Civilização Cristã abrangeu a globalidade terrena e conseguiu projetar-se nas pesquisas cósmicas. Mas não sabemos se, com a devida certeza, antes de nós – abrange milênios e uma infinidade de culturas com incalculáveis e estranhas multidões – teriam existido civilizações que hoje são referidas em termos lendários. O que nos interessa, portanto, é o nosso mundo e a idéia que dele conseguimos formar através das pesquisas científicas de apenas seis séculos, a partir dos princípios do Renascimento no século XIV. Muito pouco, sem dúvida, mas é com isso que podemos contar.

A perspectiva que essas pesquisas nos oferecem começa nas selvas e vem até aos nossos dias, mas abrange milênios. Pautando-nos por esse esquema geral, sem nos determos em minúcias e datas, pois o nosso escopo é uma visão e não um tratado, uma proposição aberta e não uma tese ou teoria formal, podemos distinguir as fases seguintes da evolução do Amor:

1 – Tempos Primitivos

Nessa fase encontramos o amor instintivo das populações selvagens, que apesar de sua brutalidade revelam tendências culturais e esforços contínuos para dominar o caos do mundo (selva, desertos, regiões geladas) e tentativas de organização social, de desenvolvimento artesanal, de aprimoramento das formas de moradia, meios de condução, instrumentos de trabalho, armas de guerra e caça, meios de comunicação e de relações com o mundo invisível, na solução possível do problema da morte. É a fase dos três elementos clássicos do desenvolvimento da cultura: o rito, a palavra e o instrumento.

Os desenhos das cavernas e as inscrições rupestres atestam essa evolução, que já nos colocam bem distantes das origens do homem, só acessível de maneira precária, através das escavações arqueológicas, com as descobertas de ossadas humanas e de animais. A lenda bíblica da Gênese não passa de lenda, por sinal típica dos tempos primitivos, oferecendo-nos uma forma de idealização superior de lendas mais antigas, cujo tipo ainda se produz nas tribos selvagens da atualidade. Imagina-se o amor primitivo como simples relação animal entre machos e fêmeas, das quais, pelo nascimento dos filhos, surgem os clãs, os primeiros agrupamentos familiares. E é nesses primeiros grupos que se define o amor como sentimento que brota do instinto sob controle da razão nascente. O desenvolvimento da razão pressupõe naturalmente a existência de condições inatas no homem, como queria Kant, mas o neokantismo atual, particularmente com René Hubert, substitui a teoria das categorias inatas da razão pela formação dessas categorias através da experiência. Do animal ao homem, a Natureza deu um salto qualitativo no aprimoramento do cérebro, criando as condições necessárias no córtex cerebral para o confronto dialético das experiências. Não obstante, como sustentam Hubert e Kerchensteiner, por trás desse processo de adaptação do órgão material a novas funções, temos de considerar a natureza espiritual do ser, no caso, o homem.

A manifestação do amor, nessas possíveis condições, não revela a criação de um novo elemento ôntico, mas simplesmente a formação de condições orgânicas para que o elemento já existente no psiquismo se manifeste. Razão e afetividade se conjugam na experiência e o amor se manifesta arrancando o homem da animalidade. O *fiat* é uma alegoria do *fazer* humano, ligada à magia primitiva. Em todas as formas de magia, inclusive a teatral, até hoje, o poder da palavra é considerado importante. A relação das coisas e dos seres entre si inclui a relação da palavra com as coisas, os seres e o ato criador.

Esta breve incursão num campo de conhecimento especializado e altamente sofisticado não tem outra pretensão

que a de oferecer ao leitor uma idéia, embora imperfeita, da gênese do amor humano.

A primeira ilação que se pode tirar desse quadro mal esboçado, mas apoiado em teorias de especialistas consagrados, é a de que o amor arrancou o homem do plano dos instintos animais para o elevar à condição humana. E isso é suficiente para nos mostrar que o amor é o fundamento da civilização, a substância, por assim dizer, de que as civilizações se formam. A prova disso, a posteriori, está na função aglutinadora das sociedades humanas e orientadora da cultura que o amor sempre exerceu.

2 - Primeiras Civilizações

O nomadismo e a instabilidade das tribos e das hordas não permitia o desenvolvimento das civilizações. Elas surgiram das primeiras acomodações sedentárias em regiões de fertilidade suficiente para reter os grupos humanos. Assim, as primeiras civilizações do nosso esquema são agrárias e pastoris. O cultivo da terra e a criação de animais, geralmente nas proximidades e ao longo dos rios, proporcionam aos homens a possibilidade de produzir riqueza e desenvolvê-la. Com isso surgem as questões de posse da terra e dos produtos, posse dos animais e posse da mulher e dos filhos, conseqüentemente as questões de herança. Nasce o Direito e com ele vai se desenvolvendo a sistemática da propriedade. O amor simples e puro dos clãs, das tribos e das hordas vai sendo enleado em complicações de deveres e direitos. a magia dos pajés e xanãs transforma-se em esboços imprecisos de religiões, em que os ritos sociais se convertem em rituais complicados e carregados de simbologia confusa. A família é instituída e as linhagens familiares se definem ao longo dos interesses hereditários. A civilização é a sofisticação da vida. A riqueza acumulada estabelece as divisões de classes, de estamentos e castas. O fluxo livre do amor transforma-se progressivamente num rio crivado de barragens. As posses e as riquezas criam dificuldades nas relações humanas. Os que não possuem terras disputam pedaços das terras dos outros. As lutas pela proximidade dos rios, riachos e fontes dão início às

escaramuças e matanças das guerras futuras. O sentimento de posse leva o homem a transformar a mulher em propriedade. O sacerdócio se organiza e é forçado a entrar no mercado das trocas. As seitas entram em disputa e cada qual necessita de recursos e posses para manter os quadros sacerdotais à altura da demanda de ritos e sacramentos. Os deuses primitivos seguem o exemplo dos homens e geram novos deuses nas linhagens familiares da mitologia que sucedeu ao totemismo simplório. O tempo vai deixando na distância o respeito ingênuo pelo amor espontâneo. As uniões naturais se artificializam em complicações rituais determinadas por ordenanças sacerdotais. Os poderes dos sacerdotes crescem na proporção da incidência de mortes na comunidade, dos surtos epidêmicos que os curandeiros não podem sustar. As vantagens do casamento entre famílias ricas e pobres exasperam os ricos que estabelecem regras cada vez mais rígidas para a defesa das filhas. A superioridade física do homem, aumentada pelas posses e a gerência dos negócios, reduz a mulher à escravidão progressiva. Ela se transforma em tabu, criatura intocável e encarnação da honra do pai e da família. As jovens acrescentam ao tabu o seu valor de troca, viram mercadoria. Dali por diante, os seus sonhos de amor são loucuras de moças inexperientes e ignorantes, que os pais reprimem em favor delas mesmas, do futuro que as espera.

3 – Civilizações Orientais

As grandes Civilizações Orientais atingem proporções gigantescas, poder e riqueza nunca vistos. Criam-se poderosos exércitos para a defesa do Estado contra as ambições de outros Estados. A simples disputa de terras junto às águas transforma-se nas guerras de conquista de territórios inteiros. O amor se afoga no mar de convenções e interesses em contradição permanente. As linhagens familiares resguardam-se nos títulos de nobreza. E quanto mais nobre a linhagem, tanto mais escravizadas as jovens casaduras, embaladas como os produtos da indústria futura, em complicadas vestimentas de esplendor celeste, mas recheadas de angústia e desespero. Mesmo nos pequenos reinos da Pérsia, da Grécia, da Itália, as lutas entre famílias nobres levam a guerras

devastadoras. Helena raptada, causa, sem querer, a destruição total de Tróia. O amor se transformou em cobiça e o objeto de todas as cobiças é precisamente o que era o objeto do amor.

4 – A Roma Camponesa

Transformada em gigantesca estrutura imperial, conquista o mundo, submete nações, arrasa impérios nascentes ou prósperos que podem ameaçá-la mais tarde. Cleópatra confia em sua beleza e seus encantos para salvar o Egito. É a mais atrevida reação da mulher à fúria escravocrata dos homens, mas acaba vencida e suicida-se. Por mais bela e valiosa que seja a mulher, não passa de uma frágil criatura humana lutando contra os poderes humanos e sagrados que os sacerdotes construíram com os elementos ingênuos da magia das selvas. Em Atenas o culto da beleza parece dar à mulher uma chance de liberdade. A teoria do amor, em Platão, liga-se à libertação da alma. O amor dos belos corpos conduz à salvação. Mas o amor grego chegou à exaustão e os belos corpos não são apenas femininos. O antigo rito da virilidade, ainda dominante em Esparta, levou os homens a descobrirem a beleza dos efebos. A reação feminina surge em Lesbos, a ilha da poesia e do amor, em que as mulheres se amam umas às outras. O aviltamento do amor chega ao auge. Persas e macedônios, famintos de riqueza e poder, conquistam a divina Hélade e provam definitivamente que Eros perdeu a sua última cartada na terra devastada pela loucura da ambição.

5 – O Feudalismo

Coube aos povos bárbaros da Germânia liquidar Roma contagiada pela deturpação do amor. O Cristianismo derrotado na Palestina conseguira infiltrar-se em Roma através das camadas inferiores da população. Os bárbaros conquistaram o mundo e havia uma esperança de libertação da mulher. Os bárbaros cultuavam a beleza feminina e a bravura masculina. Mas o sacerdócio cristão já dominava nas terras imperiais dos Césares. O Império renascia no modelo das Civilizações teocráticas do Oriente. O culto da mulher era o culto da Virgem. O amor que o Cristo pregara e exemplificara, o respeito do Cristo pela mulher e o perdão que estendera aos seus pecados,

em face dos pecados monstruosos da ganância dos homens, nada valeram ante o poder do sacerdócio como ante a ignorância dos bárbaros. Retalhado o Império na fragmentação dos feudos e amaldiçoada a libertinagem imperial, a mulher foi novamente encerrada nos castelos como símbolo de honra. A virgindade e a fidelidade tornaram-se tabus invioláveis. Como as vestais, que deviam ser enterradas vivas se violassem os votos de castidade, as castelãs seriam emparedadas ou sacrificadas a espada em caso de perjúrio. Submetidas à tortura dos cintos de castidade, com fechadura e chave, enquanto os barões lutavam em terras distantes, as castelãs feudais, pobres flores de estufas que os menestréis cantavam em seus sonhos ao luar, elas suspiram em vão pelo amor dos cavaleiros nos jogos florais. O amor se transformara em carrasco impiedoso, que lhes premia a carne delicada entre ferros. O pecado da beleza e a ameaça do desejo as reduzia a condenadas sem crime.

6 – Era Cósmica

O Renascimento, o mundo moderno e o mundo contemporâneo proclamaram, após milênios de escravidão e ignomínia, os direitos da mulher. Ela se livrou das torturas antigas, mas os clérigos cristãos continuaram a cercá-la e a acuá-la. O peso do celibato forçado explodiu os recalques milenares, não obstante as licenças eventuais de que puderam sempre gozar. Mas a Era Cósmica também explode nos limites da gravidade terrena. Novas dimensões do pensamento se abrem no Infinito. Devastações pornográficas abalam a Terra, envenenada pela furiosa ambição dos homens. Quem sabe se virá do Espaço Sideral, no bojo dos discos-voadores, a lição e o exemplo de Humanidade que o Cristo deixou no planeta e os homens enterraram sobre montões de sofismas e os clérigos se recusaram a compreender?

A vitória do Amor será a vitória do homem e da mulher, de toda a espécie humana aviltada por si mesma. Será também a vitória do Planeta, poluído até as entranhas pela ambição desmedida. Onde estão os filósofos desta hora amarga, que não cogitam do problema do Amor? Onde estão os filhos do homem

que são também e, acima de tudo, filhos da mulher? Os que pregam a defesa da família, não perceberam ainda que a família se avilta e se dissolve com a afronta à dignidade da mulher?

Notas:

¹ Jean-Paul Sartre desencarnou em 15/04/1980. (Nota da Editora)